Texto e Coordenação Geral:

BERNARDO SORJ – ALICE NOUJAIM

Atividades:

MAURA MARZOCCHI – BRUNO FERREIRA

INSTITUTO PALAVRA ABERTA

PLATAFORMA DEMOCRÁTICA
FUNDAÇÃO FHC
CENTRO EDELSTEIN
PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG

CORAÇÕES E MENTES
CONHECER NOSSA MENTE PARA QUE ELA NÃO NOS DOMINE

Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e da Fundação Fernando Henrique Cardoso, dedicada ao fortalecimento das instituições e da cultura democrática na América Latina, através do debate pluralista de ideias sobre as transformações na sociedade e na política da região e do mundo.

Revisão: Isabel Penz Pauletti

Copyright do texto © 2020 by FFHC

São Paulo: Edições Plataforma Democrática, 2020

ISBN: 978-65-87503-00-4

Este trabalho pode ser reproduzido gratuitamente, sem fins comerciais, em sua totalidade ou em parte, sob a condição de que sejam devidamente indicados a publicação de origem e seu autor.

PENSANDO DE FORMA AUTÔNOMA FORA E DENTRO DA INTERNET

Texto e Coordenação Geral:

BERNARDO SORJ - ALICE NOUJAIM

Atividades:

MAURA MARZOCCHI - BRUNO FERREIRA

I.
APRESENTAÇÃO

O mundo virtual está cada vez mais presente no nosso cotidiano, como principal fonte de informação, meio de comunicação e convivência. A preocupação com seus efeitos negativos tem levado a esforços educativos que se concentram no desenvolvimento da capacidade de discernimento crítico dentro do universo de informações e mensagens que circulam na internet.

Sem desmerecer a contribuição destes trabalhos, consideramos que um enfoque educativo centrado no mundo virtual é, sozinho, insuficiente. Por quê? Porque os valores e as competências cognitivas e emocionais necessários para conviver com o mundo virtual são, fundamentalmente, os mesmos necessários fora dele. Mais ainda, estas habilidades socioemocionais em boa medida se formam fora do mundo virtual, na convivência presencial entre as pessoas — na família, com os amigos, na sala de aula etc.

Não se trata de desconhecer que o mundo virtual coloque desafios específicos, como a dessensibilização pela não-presença do interlocutor, o instrumental disponibilizado pela big data para manipular disposições preexistentes, a possibilidade de manipulação de imagens e textos, o anonimato ou a falsificação de identidade, o apagamento da fronteira entre público e privado e o bombardeio sistemático de mensagens enganosas ou de ódio, para indicar alguns dos mais importantes. Esses desafios exigem, além da compreensão dos mecanismos do mundo virtual, o fortalecimento dos valores de convivência e a capacidade de reflexão autônoma.

O objetivo deste texto é apresentar as principais competências cognitivas, em particular os vieses cognitivos que influenciam nossa capacidade reflexiva e nossas emoções, limitando nosso potencial de nos orientar, dentro e fora da internet, por valores de respeito ao próximo e por nossa capacidade de reflexão e discernimento. Incluímos exercícios, “dentro e fora” das redes, que podem ser usados em contextos escolares.

Este livro é o ponto de partida de um texto que, esperamos, seja cada vez mais o produto de um esforço participativo. Nos beneficiamos dos comentários de Ana Bergamin, Miguel Fausto e Marcio Gonçalves em uma versão preliminar, e contamos com a participação dos professores, enviando-nos sugestões , comentários, ideias de atividades e suas experiências em sala de aula.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – OBJETIVOS DO LIVRO 5

I- EMPATIA COMO FUNDAMENTO DA SOCIABILIDADE 8

2- VIÉS DA CONFIRMAÇÃO: A PRUDÊNCIA E A DÚVIDA COMO FUNDAMENTOS DO JULGAMENTO E DA PROCURA DA VERDADE 2I

3- DISSONÂNCIA COGNITIVA: CONVIVER COM VISÕES DIFERENTES 3I

4- VIÉS DA ATRIBUIÇÃO: DEVEMOS ESTAR ATENTOS A NOSSOS PRECONCEITOS 40

5- VIÉS DA NORMALIDADE: CADA PESSOA TEM DIREITO A SER DE SEU JEITO 47

6- VIÉS DO MANIQUEÍSMO: O MUNDO NÃO É BRANCO OU PRETO 55

7- A PRIVACIDADE COMO VALOR 63

8- INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO NAS REDES 73

INTRODUÇÃO
OBJETIVOS DO LIVRO

A presença da internet na vida se transformou em um componente central do cotidiano das pessoas, de qualquer idade. A utilidade do mundo virtual é imensa, inclusive no campo da educação, colocando à disposição informação, bibliotecas, jogos educativos e novas formas de interação entre alunos e professores. Junto com o potencial positivo surgiram efeitos negativos como o uso das redes para assédios e ofensas, contatos com pessoas desconhecidas mal-intencionadas, aplicativos que viciam os usuários, a disseminação de notícias falsas e mensagens que promovem o ódio e preconceitos, e a perda de controle da privacidade e das informações pessoais.

Aprender a viver com a internet é incontornável, pois cada vez mais nossa comunicação e interação social se realizam dentro do mundo virtual. Inclusive crianças e adolescentes, que até poucas décadas atrás tinham na escola e na família os principais espaços de comunicação, passaram a ter na internet, e em particular nas redes sociais, a principal fonte de informação, lazer e convivência social, sobre as quais pais e professores têm pouco ou nenhum acesso.

Neste contexto surgiu uma variedade de iniciativas (denominadas geralmente de educação ou alfabetização midiática), que têm como objetivo capacitar os jovens para analisar e discernir de forma crítica as informações que circulam na internet, em particular nas redes sociais. Os textos desenvolvidos por este enfoque são extremamente úteis, porém entendemos que o foco nas interações virtuais pode ser limitado, pois isola os jovens do mundo das experiências, formação de sentimentos e aprendizagem no mundo face a face, que é o espaço central onde se desenvolvem os afetos, os valores e a inteligência emocional.

O mundo das relações presenciais e o mundo virtual não são esferas separadas. Na realidade, as qualidades necessárias para sustentar um pensamento autônomo e relações de convivência respeitosa são fundamentalmente as mesmas off-line e on-line. Qualidades que, no mundo virtual – em especial nas redes sociais – se fazem ainda mais necessárias, pois trazem novos desafios, como a dessensibilização pela não-presença física do interlocutor e a colonização da Internet por pessoas e grupos que promovem o ódio, notícias e informações falsas. Precisamos, portanto, tratar a comunicação como uma habilidade cognitiva e socioemocional única.

Nesse contexto, o desafio pedagógico passa por relacionar os mundos off-line e on-line, mostrando como os problemas de reflexão e convivência que se colocam no mundo virtual, com suas características específicas, relacionam-se às nossas experiências face a face. Assim sendo, o objetivo deste texto é contribuir para desenvolver habilidades e competências necessárias para que os jovens possam interagir tanto no mundo face a face como no virtual, sem perder a autonomia intelectual e emocional, que é o fundamento de cidadania e da convivência numa sociedade democrática.

Se tomarmos como referência o material pedagógico existente, o texto mostra as relações entre as áreas de educação para as mídias e desenvolvimento da inteligência emocional (IE). Em relação a esta última enfatizamos as relações entre desenvolvimento emocional e os valores de convivência cívica. Combinando elementos retirados da psicologia e da sociologia, visamos contribuir para o fortalecimento de valores/competências/habilidades que desenvolvem a autonomia pessoal, e que enfrentam novos desafios colocados mundo virtual: de-sensibilização, a aceleração do tempo pela expectativa de respostas rápidas que dificultam a reflexão, a falta de controle sobre o reenvio de mensagens pessoais para terceiros, a "eternização" das informações pessoais em bancos de dados da informação postada, entre outros.

Como indica a BNCC, um objetivo fundamental da educação é formar cidadãos capazes de exercitar "o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza". Considerando a importância da comunicação virtual, o documento indica que *"é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital".*

Este texto pretende contribuir no desenvolvimento da capacidade de reflexão, de autonomia pessoal e de inteligência emocional fundada em valores, dando ênfase particular aos vieses cognitivos.

ESCOLHEMOS ESTE ÂNGULO POR QUATRO RAZÕES:

I- Ele permite associar três dimensões: o cognitivo, o emocional e o valorativo. O tema dos vieses cognitivos deu lugar a uma ampla bibliografia que trata das distorções do

pensamento (muitas vezes por razões emocionais e preconceitos), que levam a erros de raciocínio e julgamento. O ângulo deste texto é recuperar a bibliografia sobre o tema aplicada a um objetivo prático particular: o desenvolvimento de competências que trabalhem simultaneamente a **abertura cognitiva**, o **autoconhecimento** emocional, e a capacidade de convivência fundada nos valores de **respeito e dignidade de todas a pessoas.**

2 - Os vieses cognitivos se referem às competências necessárias tanto no mundo das relações face a face, como na comunicação virtual. Como detalhamos no texto, a bibliografia sobre educação midiática tende a privilegiar e até certo ponto dissociar estas duas dimensões da convivência social, enquanto o tema dos vieses permite tratá-las como um conjunto, sem deixar de reconhecer as especificidades de como eles se fazem presentes em cada um.

3- O ensino dos vieses cognitivos permite tratar temas de importância fundamental relativos à formação de cidadãos ativos ancorados em valores democráticos, a partir da experiência pessoal cotidiana, e não como abstrações por vezes distantes da experiência dos jovens.

4- Eles se referem às competências que são relevantes em todas as esferas da vida, nos diversos campos do conhecimento e na convivência interpessoal.

Esperamos que este material seja também útil para professores das mais diversas áreas, pois em todas está presente o desafio de pensar autonomamente e se comunicar adequadamente. O desenvolvimento do argumento lógico, a valorização do pensamento científico, o conhecimento de matemáticas e seus usos práticos, a contextualização e a perspectiva que dão o conhecimento da história, e a riqueza do vocabulário — que permite encontrar o adjetivo certo e expressar argumentos que acompanhem as sutilezas da realidade, distantes das simplificações das mensagens rápidas e polarizações entre "amo"/"odeio" das redes — são fundamentais para a convivência respeitosa e para a formação de cidadãos responsáveis pelo bem comum.

I-EMPATIA:
O FUNDAMENTO DA SOCIABILIDADE

Empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro. É o reconhecimento de que a convivência social exige aceitar a alteridade, a existência de um outro ou outra com sentimentos e formas de ver o mundo que lhe são próprias. A empatia é um dos principais componentes da inteligência emocional, é a partir dela que desenvolvemos relações humanas mais maduras e uma convivência social fundada no respeito mútuo, na cooperação e na solidariedade. O desenvolvimento da empatia é um processo permanente – se não for prejudicado por dificuldades psicológicas ou pelo contexto social mais amplo – de expansão concêntrica de nossa capacidade empática, primeiro no círculo da família, depois no núcleo de colegas e amigos, posteriormente no trabalho e nas relações sociais em geral.

Empatia é diferente de simpatia. Simpatia, tal como usamos corriqueiramente, refere-se a uma disposição a sermos cordiais e agradáveis em nossas relações com outras pessoas. Já a empatia está na ordem de nossa subjetividade, uma disposição a compreender as pessoas que nos leva a respeitar sentimentos e formas de ser diferentes dos nossos. Isso não significa necessariamente concordar com o outro, mas sim que procuremos entender o porquê de outro agir, pensar e sentir de forma particular. A empatia, portanto, supõe aceitar que cada pessoa tem sua forma de ser e interesses próprios, e a conviver e aprender com a diferença.

Empatia é a capacidade de sair de nosso mundo e procurar entender o mundo dos outros. A empatia se desenvolve através de dois mecanismos relacionados: por identificação com o outro através de sentimentos similares aos que experimentamos, e pela disposição de compreender pessoas diferentes.

Quando uma criança vê uma pessoa querida chorando e pergunta o que que aconteceu, ela dá o primeiro passo no desenvolvimento de sua capacidade empática. Nesse momento ela se identifica com alguém defora de seu mundo interno, preocupando-se com o que essa pessoa sente, e quer saber o que está acontecendo com ela. Esse reconhecimento do outro como um "eu", mas um "eu" diferente de si — que tem uma subjetividade própria e motivos particulares que o levam a chorar — é um processo de diferenciação que resulta na empatia.

Ao reconhecer o outro em sua diferença, a empatia pode permitir também nos conhecer melhor. Por quê? Porque cada vez que nos relacionamos com alguém, nossas emoções são acionadas. As pessoas com as quais nos relacionamos nos produzem sentimentos. Podemos gostar, admirar, confiar, temer, e também nos irritar, sentir inveja ou raiva. Nesse aspecto do autoconhecimento, o desenvolvimento de nossa empatia se relaciona também com a lembrança de que os sentimentos que as pessoas nos despertam são, em geral, projeções de nossos medos, desejos e inseguranças. E a forma pela qual nos relacionamos com elas depende, também, de entender por que elas despertam em nós emoções e sentimentos diversos.

Qual seria o maior inimigo da empatia? Outros sentimentos que se sobrepõem à nossa empatia pelo outro e que nos levam a fazer com os **outros coisas que não desejamos que sejam feitas conosco. Que sen**timentos são esses? Certamente medo, irritação, inveja, raiva, desejo de afirmação. Quando encontramos alguém que é mais frágil, inepto, diferente de nós, pode surgir a vontade de humilhar, gozar, ofender. Isto é, perdemos nossa capacidade de empatia, de entender que a outra pessoa é um ser humano e o instrumentalizamos em função de nossos problemas, dificuldades e inseguranças.

O respeito **pelos outros e pelas suas diferentes formas de ser, são con**dições para desenvolver uma relação empática. Se respeitamos, não nos apressamos a fazer julgamentos precipitados, rotular ou ofender, gerando sofrimento no outro. Quando julgamos sem conhecimento suficiente, acabamos cometendo injustiças. Quando rotulamos, reduzimos a pessoa a uma qualidade negativa e deixamos de enxergá-la como um indivíduo com sentimentos, e o podemos assim maltratá-lo.

Quando confiamos em nós mesmos, não precisamos ofender alguém para sentir que somos superiores e nos proteger das condutas ofensivos vas dos outros, porque entendemos que eles nos ofendem porque precisam se afirmar ou têm problemas que os levam a ser agressivos.

Quando rotulamos negativamente alguém, o fazemos para sentir que somos superiores, não por nossos méritos, mas pela suposta inferioridade do outro. Rotular sempre faz mal à pessoa rotulada. Isto vale para qualquer tipo de rótulo, porque ninguém se reduz a uma caraterística, ninguém é perfeito, todas as pessoas acertam e erram. Inclusive quando criamos rótulos positivos, por exemplo, “ele é um vencedor”, podemos acabar criando uma prisão. O “vencedor” pode sentir-se sempre obrigado

a ganhar, e tudo o que ele faz é "jogar para a plateia", querendo confirmar as expectativas que recaem sobre ele.

Na medida em que nos conhecemos espeitamos uns aos outros, desenvolvemos nossa autoconfiança. A autoconfiança nos permite realizar aquilo que desejamos e também a sustentar nossas ideias, aceitando críticas que são realizadas de boa-fé. A autoconfiança também nos ajuda a entender que cada pessoa é diferente e, portanto, que a confiança não deve ser cega, pois somos todos falíveis.

O desejo de viver numa sociedade que se rege pelo princípio de que **não fazemos aos outros o que não desejamos que eles façam a nós,** pressupõe a empatia. Este princípio exige que quando interagimos com os outros devemos nos perguntar: **e se eu estivesse do outro lado?**

A empatia exige uma compreensão racional de regras abstratas, que organizam a convivência e permitem compartilhar brincadeiras, cooperar e competir. Os esportes e jogos são fundamentais para compreender que as regras boas são aquelas que valem igualmente para todos. A partir de jogos e trabalhos de grupo se desenvolve a capacidade de **cooperar**, de desenvolver esforços conjuntos com outras pessoas com um objetivo comum. Essas atividades exigem do indivíduo uma capacidade de, por exemplo, suportar críticas e aceitar opiniões diferentes. Nos jogos, em particular, é preciso aprender a compartilhar frustrações e derrotas. A cooperação, sobretudo, exige uma capacidade de negociar e de procurar, através do diálogo, uma solução que seja satisfatória para todos. Se somos capazes de compreender o outro, compreendemos também suas razões, e poderemos chegar ao melhor acordo possível.

MUNDO VIRTUAL E EMPATIA

Empatia é uma habilidade emocional/cognitiva que desenvolvemos fundamentalmente diante da presença física de outra pessoa, com a mobilização de todos os nossos sentidos, como o tom de voz, os gestos, a expressão facial e a movimentação corporal. Todas essas linguagens são informações relevantes no processo de constituição de uma relação de empatia. É com base nelas que procuramos entender o sentido do que nos é transmitido e compreender o impacto que produzimos sobre o outro a quem nos dirigimos. Quando o outro não está presente face a face, como numa conversa telefônica ou numa troca de mensagens no WhatsApp, perdemos boa parte da capacidade de entender o que realmente está acontecendo com a pessoa.

Nossa compreensão sobre o outro fica limitada à comunicação verbal, seja na forma de mensagens escritas ou gravadas.

A comunicação virtual exige um esforço constante de pensar nos **efeitos que nossas mensagens podem causar, pois no meio virtual perdemos um elo fundamental com os nossos sentimentos e com a nossa humanidade, que passam por nossos sentidos.**

A comunicação interpessoal não presencial, típica das redes, tende, portanto, a ser uma comunicação dessensibilizadora. Ela pode, por ser uma comunicação à distância, dificultar o entendimento do que o outro está querendo realmente transmitir, ou a reação que causamos no outro. Frases que não diríamos presencialmente, para evitar desconfortos, podem ser ditas facilmente, assim como podemos cortar um diálogo com um simples clique ou frases curtas que desestimulam a conversa.

A dessensibilização fica ainda maior pela rapidez com que a comunicação é processada e por sua caraterística de ser constituída de frases curtas e rápidas, levando a simplificações grosseiras. Na maioria dos casos, intercâmbios de opiniões divergentes nas redes não suportam mais do que três ou quatro mensagens, e muitas vezes culminam em ofensas mútuas e/ou rompimento do diálogo. Perdemos, assim, tanto a capacidade de escuta como a de desenvolver de forma reflexiva os argumentos, enriquecendo-os graças ao diálogo.

A centralidade das redes sociais, ainda que essas também sirvam como plataforma de compartilhamento de experiências difíceis e de solidariedade, leva, na comunicação cotidiana, ao predomínio de um esforço de promoção de imagens simplificadas, onde fotos e selfies geralmente mostram momentos positivos e alegres de nós mesmos e dos outros, muitas vezes transmitindo uma imagem irreal de nossas vidas e produzindo um empobrecimento de nossa visão do que acontece realmente com as outras pessoas, e a um esforço por transmitir uma imagem unilateral de nossas vidas.

Da mesma forma, boa parte das mensagens postadas nas redes sociais são feitas não na expectativa de gerar um diálogo significativo, mas uma resposta do tipo “gostei” ou “não gostei”, ou um emoji. A comunicação pode se transformar assim num exercício de promoção

(ou destruição) de nossa autoestima e da dos outros em função das respostas (ou da falta de) recebidas. Nesse sentido, o mundo dos sentimentos e emoções fica mais simplificado e passamos a habitar um universo onde se perdem as nuances. Ou "amamos" ou "odiamos" tal ou qual música, pessoa, produto etc.

Estes processos são obstáculos à empatia, à nossa capacidade de nos colocar no lugar do outro, de escutar e levar em consideração o impacto do que transmitimos às pessoas. Com o objetivo de formar seus alunos para a convivência ética e empática, o educador deve planejar suas ações digitais tendo em mente as possibilidades, mas também as limitações da comunicação eletrônica, sendo necessário uma constante atenção para a combinação de atividades presenciais e virtuais.

VALOR FORMATIVO

Procurar não produzir sofrimento nos outros é uma das principais consequências de nossa capacidade de sermos empáticos. A empatia nos ajuda a desenvolver habilidades que são fundamentais na nossa convivência, como o trabalho em equipe, o aprender com os outros, e o amadurecimento em termos emocionais e cognitivos. Ela vale tanto para alunos, como para professores e familiares.

Qual é o desafio dos professores para ajudar os alunos a reconhecer o outro em sua diferença? Explicar como raciocínios e sentimentos que nos fazem perder o respeito e a capacidade de empatia estão sempre presentes. Esta aceitação é o primeiro passo para que esses sentimentos não nos controlem. Quando reprimimos e não reconhecemos nossos sentimentos, podemos acabar nos expressando de forma destrutiva, contra nós mesmos e contra os outros, em discursos e práticas de intolerância e de ódio. Quando exercitamos a compreensão dos sentimentos dos outros e quando entendemos por que diferentes experiências de vidas e outras pessoas podem produzir preconceitos, raiva e inveja, isto nos permite conhecermo-nos melhor. O autoconhecimento caminha junto à empatia, e ambos os desenvolvimentos resultam em maior respeito aos outros e a nós mesmos. Esse processo, portanto, é fundamental na construção da capacidade de convivência do aluno com seus colegas, assim como na confiança do aluno em si próprio.

CONSELHOS

A empatia é fundamental na relação dos professores com os alunos. Ela permite que o professor esteja atento às potencialidades e dificuldades particulares de cada aluno.

Sugestões para promover maior colaboração em sala de aula:

- Organizar os alunos em grupos de 3 a 4 pessoas, no máximo 6, se possível.
- Discutir as habilidades do grupo e orientar os alunos a refletir sobre o que é uma colaboração bem-sucedida.
- Encorajar os alunos a estabelecer regras internas e a definir papéis e designar tarefas para cada membro do grupo, oferecendo apoio e orientação.

Atividades capítulo 1
EMPATIA COMO FUNDAMENTO DA SOCIABILIDADE

ATIVIDADE I

Autor	Maura Marzocchi
Capítulo	Empatia como fundamento da sociabilidade
Nome da atividade	Em seu lugar
Objetivos de aprendizado	Discutir e construir a definição do conceito de empatia Aprender a usar a empatia para lidar com o diferente

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Inicie a atividade perguntando para seus alunos como eles definiriam o conceito de EMPATIA.

Peça que eles escrevam suas definições em um post-it e em seguida, eles devem colar as definições no quadro.

Peça para que eles leiam todas as definições e organizem os post-its com definições que sejam semelhantes.

Leia com eles essas definições e construa, em comum acordo, uma definição que deverá guiar a atividade.

Opção digital: utilizar jamboard para que todos produzam em forma colaborativa.

OBSERVAR / REFLETIR

Apresente aos alunos uma seleção de relatos pessoais. Peça para cada aluno escolher uma história e a lê-la silenciosamente. São histórias curtas que relatam experiências de pessoas diferentes, de idades e lugares diferentes.

Enquanto eles estiverem lendo as histórias, observe com atenção as reações dos alunos.

Após a leitura do texto, peça para os alunos escreverem no post-it suas impressões sobre a história, levando em consideração:

- O que sentiram ao ler a história;
- Se já viveram ou presenciaram algum acontecimento semelhante;
- O que fariam se estivessem no lugar dos narradores

APLICAR / CRIAR

- Convide os alunos a escreverem suas histórias e também colocarem na caixa. Periodicamente, a atividade pode ser repetida em sala de aula para que a discussão sobre empatia seja revisitada.
- É possível pensar em um projeto ampliado, estruturando com os alunos um roteiro de entrevistas para que eles coletem histórias tanto dentro da escola como fora dela. O celular é uma excelente ferramenta para esse tipo de atividade.
  Essas entrevistas podem ser transcritas e colocadas na caixa para comporem a coleção de leituras, e até servir de insumo para outras turmas.

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Para circunstâncias diversas	As histórias podem ser gravadas em formato de podcast, utilizando ferramentas como o Anchor, Podbean e, em vez da leitura em papel, é possível convidar alunos a ouvirem as histórias pelo podcast, utilizando fones de ouvidos. ***https://www.intermuseus.org.br/museu-da-empatia***
Para circunstâncias diversas	*"Up: altas aventuras"* (2009) Livre *"Extraordinário"* (2017) +10 *"DivertidaMente"* (2015) Livre *"Sexta-feira muito louca"* (2003) Livre *"Billy Elliot"* (2000) +12 *"Blackfish, fúria animal"* (2013) +12 *"Intocáveis"* (2011) +14

EXEMPLOS DE HISTÓRIAS

I - *"Meu nome é Zain, Nasci na Síria e estava no 1º ano do Ensino Fundamental e tinha uma vida bastante confortável quando a guerra estourou no meu país. Meus pais até que tentaram ficar por lá, mas perceberam que seria muito difícil. Então, juntamos o que foi possível e fugimos, deixando toda a nossa vida e nossas lembranças para trás. Primeiro, fomos para o Líbano, porque lá eles falavam a mesma língua que a nossa, mas não foi fácil. Meu pai não conseguiu emprego e, por algum tempo, fomos obrigados a viver nas ruas. Mas como meu pai e minha mãe são muito batalhadores, conseguimos ser transferidos para a Suécia e é nesse país que eu vivo hoje junto com meus pais e minha irmã mais nova. Sinto saudade do meu país, mas não sei quando eu poderei voltar. Espero que essa guerra acabe logo. "*

2 - *"Baixinho, neguinho, anão de jardim, eram alguns dos apelidos que eu tinha na escola. Era o mais novo da turma e alvo fácil dos garotos que não perdiam a chance para me zoar. Chegava em casa chateado, mas meu pai e minha mãe diziam que eu tinha que me virar porque a vida seria difícil se eu não aprendesse a me defender. Então, pra me safar da situação, passei de zoado a zoador. "*

3- *"Eu sou o Antônio. Sempre tive muitos amigos e gostava bastante de ir para a escola para jogar futebol. Mas no ano passado eu sofri um acidente e precisei ficar afastado para poder me recuperar. Muitos amigos me ajudaram, mas a minha volta para a escola foi difícil porque os alunos de outras turmas me olhavam de um jeito muito esquisito, davam risada e me chamavam de esquisitão, porque perdi parte do cabelo e, como tinha vergonha, ficava o tempo todo de boné. Quando ando pelas ruas, prefiro ficar de cabeça baixa para evitar os olhares curiosos. "*

4- *"Meu esporte preferido era zoar os caras da minha turma. Zoava sem dó. O tempo passou, esqueci o assunto, entrei para a faculdade e minha turma foi convidada-rar. Muitos amigos me ajudaram, mas a minha volta para*

a escola para disputar um jogo de futebol. Uma partida de futebol inocente, mas entrei na disputa por uma bola e o cara do time adversário partiu pra cima de mim e me deu um chute tão violento que quase quebrou minha perna. Quando o jogo terminou descobri que esse cara era um dos meninos que eu zoava quando estava na escola. Eu tinha esquecido da zoação. Ele, não. "

5 - *"Parei de estudar porque não consegui suportar o constrangimento que sentia quando as professoras de matemática gritavam comigo quando eu não conseguia resolver um problema no quadro. Uma delas chegou a me sacudir pelos braços, me fazendo chorar. Hoje penso que deveria ter sido mais forte, mas eu só tinha 6 anos. "*

6- *"Fui encontrar a minha mãe (médica, branca) no trabalho dela porque estava na rua e ia pegar carona pra casa. Pego carona com ela toda semana, mas nesse dia a recepcionista era nova, fui subir direto para a sala em que a minha mãe atende (como faço sempre) e ela veio me perguntar se eu tinha consulta marcada, expliquei que eu era filha de uma funcionária da clínica e ia encontrar a minha mãe na sala e tal.*

Daí ela disse que era a sala de atendimento de otorrino, daí eu disse que a minha mãe é a otorrino. Ela "não entendeu", me olhou torto, eu repeti. Perguntou o nome da minha mãe, eu disse, ela perguntou se eu tinha certeza (??). Daí eu falei que tinha certeza de quem é a minha mãe. Me irritei e fui subir, ela mandou o segurança ir junto achando que eu não ia perceber.

Depois, quando eu estava descendo e passei pela recepção com a minha mãe, ela fez uma cara de espanto. Minha mãe foi lá e disse 'essa é a minha filha, muito linda né, Karina é o nome dela' (não tinha falado para a minha mãe porque sei que ela fica chateada quando isso acontece, foi coincidência) – daí a moça disse: "Pois é, ela disse, quase duvidei, a senhora parece uma bonequinha de porcelana, linda, linda. Se fosse pra adivinhar qual funcionária daqui é mãe dela eu diria que é de uma das faxineiras"

(fonte: https://www.geledes.org.br/)

7- *"Sou faxineiro em uma universidade. Nunca reclamei do meu trabalho e gosto do que faço. O que me entristece é que parece que sou invisível. As pessoas passam por mim e não me dão nem bom dia, nem boa tarde, Só viro gente quando precisam de mim para limpar alguma coisa. Os técnicos administrativos são mais mal-educados que os professores e alunos juntos, querem tudo na hora, não esperam nada; querem que a gente largue o que está fazendo para limpar os laboratórios na hora que eles querem, são mal-educados mesmo. Acham que são patrão da gente, pedem e tem que fazer na hora, largar o que a gente está fazendo."*

8- *"Eu vim para o Brasil já tem um ano. Eu cheguei por Boa Vista, mas vim de avião para o Rio. Meu esposo e eu somos dentistas de profissão. Como a situação do país estava tão terrível, tivemos que sair, mas estávamos pensando para onde ir. Estávamos considerando muitos países para ir e então ele falou: "Vamos para o Brasil, é maravilhoso, o Rio, bonito, e podemos aprendemos o português", e a gente decidiu. Começamos a nos preparar com um ano de antecedência, compramos passagem para o voo e ficamos organizando tudo. Vendemos tudo para fazer a viagem e vir com algum dinheiro. Meu esposo vendeu o carro dele, vendemos tudo e ficamos sem nada. Eles ficaram e meu pai morreu lá quando a gente estava aqui, tem sete meses. Não tivemos como ir, mas assim é a vida, sabe...? "*

(fonte:https://issuu.com/abracocultural/docs/revista_final_compressed)

ATIVIDADE 2

Autor	Maura Marzocchi
Capítulo	Empatia como fundamento da sociabilidade
Nome da atividade	Baralho de emoções
Objetivos de aprendizado	Aprender a reconhecer emoções e compreender a importância das competências socioemocionais para lidar com elas.

ETAPA – descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA
(Sugestões para a utilização)

1- ▪ Em grupos, alunos escolhem uma carta e um dos integrantes do grupo lê a frase em voz alta.

▪ Integrantes do grupo discutem entre si quais emoções foram ativadas durante a leitura da frase e explicam o porquê.

2- ▪ Professora ou um aluno escolhe uma carta e lê para a turma toda a frase.

▪ Em grupos, discutem entre si quais emoções foram ativadas durante a leitura da frase e explicam o porquê.

OBSERVAR / REFLETIR

▪ Alunos ainda em grupos, discutem e escolhem qual ou quais competências socioemocionais devem ser ativadas para lidar com aquela frase ou situação e anotam no caderno os motivos que os levaram a fazer a escolha.

CONCLUIR / APRENDER

Cada grupo expõe para a turma o resultado da discussão e a turma pode criar hashtags diferentes que auxiliem alunos a lidar com diferentes tipos de emoções.

APLICAR / CRIAR

As hashtags podem ser espalhadas pelo mural da sala ou pela escola toda e podem ser utilizadas cada vez que uma frase desrespeitosa incomodar algum colega ou a turma toda.

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentesetárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2.
Para circunstâncias diversas	Além das cartas, é possível utilizar imagens para discutir as emoções. O Google Arts & Culture é uma ferramenta gratuita que reúne um importante acervo de obras de arte e otografias que podem auxiliar o desenvolvimento dessa atividade. Também é possível solicitar que alunos compartilhem as emoções e sentimentos utilizando ferramentas como Mentimeter, Infogram, ou outros aplicativos.
Para faixas etárias diferentesetárias diferentes	Além das cartas, é possível utilizar imagens para discutir as emoções. O Google Arts & Culture é uma ferramenta gratuita que reúne um importante acervo de obras de arte e fotografias que podem auxiliar o desenvolvimento dessa atividade. Também é possível solicitar que alunos compartilhem as emoções e sentimentos utilizando ferramentas como Mentimeter, Infogram, ou outros aplicativos.

RECURSOS ON-LINE

- Site com ideias interessantes de exercícios sobre empatia: ***https://colabcolibri.com/polinize/***
- Orientações de como realizar uma aula sobre empatia são encontradas na Revista Nova Escola: ***https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2873/empatia-e-afetividade#_=_***

2- VIÉS DA CONFIRMAÇÃO:
A PRUDÊNCIA E A DÚVIDA COMO FUNDAMENTOS DO JULGAMENTO E DA PROCURA DA VERDADE

Todos nós temos opiniões sobre os mais diversos temas e pessoas. Simpatizamos mais com uns que com outros, gostamos de certas coisas e desgostamos de outras. Quando alguém emite uma opinião que confirma o que pensamos, ficamos contentes, pois ela reforça nossas crenças e aumenta nossa autoestima. Por isso, quando alguém nos comunica algo que confirma o que pensamos, tendemos a acreditar sem antes refletir. O viés de confirmação nos leva a concordar com opiniões e informações que endossam aquilo em que acreditamos e a rejeitar sem refletir quando elas colocam nossas crenças em questão.

Por exemplo, se alguém disser que uma pessoa que não gostamos fez algo errado, acabamos concluindo que a informação deve ser verdade. Da mesma forma, é difícil entender que, ao se discutir com alguém, não importam quantos dados e fatos que sejam fornecidos, a pessoa continua rejeitando seu argumento. Todos nós desejamos ter nossas crenças confirmadas e temos dificuldade de aceitar quando elas são questionadas ou rejeitadas.

Cada vez que aceitamos uma opinião ou informação somente porque confirmam nossas crenças, podemos acabar cometendo uma injustiça ou nos fechando a novos aprendizados. Imaginemos uma situação onde acontece algo considerado errado, pelo qual não somos responsáveis, e alguém que discorda de nós diz que somos os responsáveis pelo acontecido. Você gostaria que outras pessoas o julgassem sem analisar primeiro se essa afirmação é certa ou errada?

Podemos não gostar de alguém ou do que essa pessoa diz, mas isso não significa que seus dados ou argumentos não sejam verdadeiros, assim como certas informações que venham a confirmar o que sabemos podem ser falsas.

Em momentos, informações “indesejáveis” relacionadas àquilo que acreditamos podem ser verdadeiras, porém isso não significa que nosso sistema de crenças deve desmoronar. É possível, por exemplo, concordar com algo dito por uma pessoa com a qual tendemos a discordar e sobre a qual temos uma visão crítica.

Se alguém nos informa algo que contradiz o que sabemos não significa que essa informação seja falsa. Nossas crenças são a base para nos relacionarmos com o mundo – é compreensível que elas sejam nosso "ponto de partida", mas devemos atentar para nos protegermos desta tendência, pois ela pode nos levar a fazer julgamentos apressados ou a aceitar informações sem conferir sua veracidade. Por que quando alguém emite uma opinião que coincide com o que pensamos ficamos contentes? Isso reforça nossas crenças, mas significa que de fato estamos certos? Se metade do mundo pensar que a terra é plana, isso vai fazer com que ela de fato o seja?

Agir com **prudência,** isto é, não julgar antecipadamente, antes de termos todos os elementos que nos permitam emitir um juízo, e a **dúvida**, isto é, não aceitar uma informação antes de refletir e confirmar sua validade, tornam-nos melhores e mais abertos a aprender coisas novas. Julgar apressadamente nos leva a viver num mundo injusto, que não é bom para nós nem para os outros, e se nos fechamos às informações novas, diferentes do que sabemos, paramos de aprender.

A história do conhecimento humano sempre avançou colocando em questão as verdades estabelecidas, nas quais as pessoas acreditavam. Giordano Bruno, no século XIV, desenvolveu teorias sobre o universo que hoje são aceitas por todos, mas que na época colocavam em questão a ideia de que a Terra era o centro do mundo – Giordano Bruno foi queimado na fogueira. Durante a peste negra, na Europa, os médicos medievais não sabiam que o contágio da doença se dava através de micro-organismos, e submetiam os doentes a tratamentos ineficientes como sangrias para equilibrar os "humores" do corpo, ou se condenavam inocentes que eram considerados responsáveis pela epidemia. Eles eram "bodes expiatórios", isto é, pessoas inocentes que eram transformadas em responsáveis pelos problemas vividos pela sociedade.

Esses exemplos ilustram como nosso conhecimento é necessariamente limitado. Portanto, aquilo que nos parece óbvio hoje não o era no passado e, por outro lado, aquilo que acreditamos ser verdade hoje pode ser provado equivocado no futuro.

O que teria sido da medicina, e também da humanidade, se tivéssemos continuado a insistir na ideia da teoria dos humores? A vacina e os antibióticos teriam sido inventados? Quantas vidas teriam sido deixadas

de ser salvas? As discussões com quem pensa diferente podem ser encaradas como uma oportunidade de crescimento. **O conhecimento e toda obra criativa exigem pensar e fazer algo novo, diferente do que já existe; supõem experimentar e errar, encontrar caminhos que não foram trilhados.**

Como conviver com o viés de confirmação? Quando somos confrontados com argumentos e informações das quais não dispúnhamos, devemos aprender primeiro a manter a calma, depois a ouvir — mesmo discordando —, refletir e, finalmente, se for o caso, sermos capazes de rever o que pensamos.

Quando alguém nos apresenta informações que colocam em questão o que acreditamos, elas nos produzem uma certa irritação, pois nos fazem sentir questionados ou diminuídos. Por que manter a calma e ouvir? Ideias diferentes, ou mesmo argumentos que no momento não conseguimos responder, não implicam que nossas posições estejam erradas, mas indicam que eventualmente devemos expandir nossa visão para incluir elementos novos que não conhecíamos.

Devemos sempre nos dar tempo para refletir sobre como esses elementos se encaixam ou não no que sabemos ou acreditamos. Às vezes isto é simples, quando pensávamos, por exemplo, que o país com maior território era a China e descobrimos que na realidade é a Rússia. Em outros casos é mais complexo, quando implica, por exemplo, rever um julgamento sobre outra pessoa. Eventualmente podemos seguir com nossas opiniões sobre o que pensávamos, mas podemos nos conscientizar de que existem outras posturas possíveis, e que elas se sustentam em argumentos que não podem ser desprezados. A melhor forma de terminar uma discussão é, portanto, propor: "Vamos pensar e depois continuamos". E, depois, de fato refletir sobre os argumentos colocados pela outra pessoa.

O diálogo com alguém que pensa diferente pode se transformar em uma experiência penosa e difícil de suportar se partimos de uma postura "eu já sei tudo e o outro está errado", ou se sentirmos que argumentos opostos nos produzem insegurança. Obviamente ninguém sabe tudo, e argumentos opostos aos nossos não exigem que mudemos de opinião. Eles só nos obrigam a refletir melhor sobre o que acreditamos, levam-nos a procurar novas informações e a ter maior clareza sobre o que pensamos.

VIÉS DA CONFIRMAÇÃO E INTERNET

No mundo on-line, os mecanismos de busca são oferecem grandes riscos de nos conduzir a deixar de lado nossa prudência e nossa capacidade de refletir, levando-nos a agir de acordo com o viés da confirmação. Por quê? Porque quando procuramos uma informação num buscador (como por exemplo o Google) ficamos geralmente na primeira página, que inclui as respostas mais utilizadas, não necessariamente as mais informativas e curadas. Nas redes sociais, igualmente, tendemos a ficar fechados em grupos que pensam como nós, que só reforçam nossas crenças. Isso acontece por causa de uma arquitetura de inteligência artificial que combina algoritmos com dados pessoais para criar experiências personalizadas para cada usuário.

Isso significa que a partir do nosso comportamento on-line – as buscas que fazemos, os sites que acessamos, as postagens que curtimos e compartilhamos, os vídeos a que assistimos, as notícias em que clicamos – algoritmos calculam e selecionam conteúdos podem ser de nosso interesse para nos mostrar. Com base nisso, as redes sociais estão programadas para nos enviar mensagens com as quais temos mais afinidade.

Os anúncios que vemos em diversos sites e redes sociais são baseados, igualmente, em buscas que fizemos previamente. Nós alimentamos essa "inteligência artificial" a cada vez que introduzimos qualquer informação na internet. A estrutura da rede fortalece, portanto, a formação de bolhas, que afastam os usuários de conteúdos alternativos. Desse modo, somos privados, na prática, de perspectivas divergentes das nossas.

Nesse cenário, tendemos a viver em bolhas onde só recebemos mensagens ou lemos notícias que confirmam nossas crenças e ideais. Quando uma informação confronta o que pensamos, tendemos a deletá-las automaticamente da memória. As trocas de conteúdo acabam sendo apenas com aquelas pessoas com as quais temos opiniões semelhantes e perdemos contato com opiniões divergentes.

Quando divergimos, é suficiente um clique para passar para outra coisa. O desafio é furar a bolha e evitar essa tendência de apenas lembrar, interpretar ou pesquisar informações que confirmem nossas crenças ou hipóteses iniciais.

A velocidade com a qual as mensagens circulam e com a qual as respondemos é inimiga da prudência e da dúvida. Prudência e dúvida exigem calma, tempo de reflexão, conferir as informações, analisar se são verídicas ou convincentes, e, só depois, eventualmente passá-las para a frente. Se ficarmos presos à velocidade da internet, que cria a expectativa de uma resposta imediata, perdemos nossa autonomia, e acabamos divulgando informações erradas e produzindo injustiças.

VALOR FORMATIVO

Devemos sempre lembrar que ampliamos nossos horizontes quando nos deparamos com informações e visões diferentes das nossas, ainda que seja para entender que existem pessoas que pensam de outra forma e que têm direito a ter suas crenças assim como nós temos as nossas. Se procuramos somente informações e análises que confirmam o que sabemos e acreditamos, simplesmente paramos de crescer e de aprender. Se ouvimos, refletimos e eventualmente mudamos de opinião, quem "ganhou" não foi o outro, mas você. **Não temos que ter vergonha de mudar de posição.**

CONSELHOS

Para nutrir o pensamento crítico, encoraje os jovens a fazer perguntas, elaborar e racionalizar ideias e a julgar sua precisão e valor. Faça perguntas e apresente ideias provocadoras e desafiadoras, estimule os jovens a discutirem e analisarem essas ideias coletivamente. Assegure um tempo separado para reflexões no decorrer das lições e exercícios, não apenas no final.

Atividades capítulo 2

VIÉS DA CONFIRMAÇÃO: A PRUDÊNCIA E A DÚVIDA COMO FUNDAMENTOS DO JULGAMENTO E DA PROCURA DA VERDADE

ATIVIDADE I

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Viés da confirmação
Nome da atividade	Os 5 porquês
Objetivos de aprendizado	Refletir sobre as ideias que embasam as visões de mundo dos alunos e identificar preconceitos e equívocos em suas concepções, a fim de problematizá-los.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Nesta atividade, o professor distribui afirmações e pede que alunos digam se concordam ou não com elas. Ao "concordo" ou "discordo" devem acrescentar o primeiro **"porquê"**, preferencialmente em 5 diferentes post-its ou pedaços de papel que possam ser recolhidos ao término da atividade. A ideia é que uma afirmação leve a outra que a explique. As afirmações podem estar relacionadas com algum tema atual, suscitado pelo noticiário, ou até mesmo recorrer a frases do senso comum, tais como:

- "Todos deveriam ser vegetarianos";
- "O avanço da inteligência artificial ameaça a humanidade";
- "Tecnologias digitais atrapalham a aprendizagem";
- "Tecnologias digitais deixam as pessoas mais solitárias";
- "Videogames estimulam a violência".

Opção digital:
É possível usar Mentimeter para visualizar as perguntas e respostas na tela.

OBSERVAR / REFLETIR

A partir da afirmação proposta, os alunos terão que se justificar e aprofundar sua reflexão, como no exemplo:
"O avanço da inteligência artificial ameaça a humanidade"
DISCORDO. Por quê?

Porque a inteligência humana está acima da inteligência artificial. Por quê?
Por que a inteligência artificial é controlada pelos humanos. Por quê?
Porque foi a inteligência humana que criou a inteligência artificial. Por quê?
Porque a inteligência artificial foi feita para servir às necessidades humanas, não o contrário. Por quê?
Porque as necessidades humanas, bem como sua inteligência, se complexificaram ao longo do tempo.

Após as respostas aos 5 porquês, deve-se problematizar essas respostas, a partir da reunião e do agrupamento das afirmações semelhantes que surgiram como respostas dos alunos.

Dessa forma, será possível dirigir o debate focando nos principais pensamentos dos estudantes sobre a questão proposta, provocando-os com indagações ou dados que possam contradizê-los.

OBSERVAR / REFLETIR

Ao término da atividade, questione os alunos se ficaram plenamente satisfeitos com todas respostas dadas aos 5 porquês. Encoraje os alunos a buscar mais informações para melhor fundamentar as respostas que, na perspectiva deles mesmos, tenham sido frágeis ou insuficientes.

VARIAÇÕES

Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	***"Spotlight: segredos revelados"*** (2015) +12

ATIVIDADE 2

Autor	Maura Marzocchi
Capítulo	Viés da confirmação: a prudência e a dúvida como fundamentos do julgamento e da procura da verdade
Nome da atividade	Gatilhos e sentimentos -- Como reconhecer e lidar com o Viés de confirmação
Objetivos de aprendizado	**Definir** o conceito de viés de confirmação e por que isso ocorre. **Explorar** exemplos de viés de confirmação. **Identificar** estratégias para lidar com o viés de confirmação.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Apresente a seguinte situação para seus alunos:
(Esse texto pode ser lido por você ou descrito como introdução à aula)
"Imagine que você e seus amigos reúnem-se para assistir a uma importante partida de futebol. A turma reunida tem torcedores dos dois times adversários e todos estão bastante ansiosos. Em uma jogada importante, dois jogadores disputam a bola na área do gol e você grita: ***"Foi pênalti!"****, mas o juiz não marca e o VAR confirma a decisão do árbitro.*

A discussão entre você e seus amigos é acalorada, porque você insiste na injustiça do pênalti não marcado e seus amigos afirmam que o pênalti não existiu. Você afirma que o "juiz como esse não tem competência para apitar um jogo tão importante", seus amigos dizem que "o juiz está correto". O jogo termina, mas a discussão entre vocês continua.
Provavelmente você vai assistir a todos os programas esportivos da TV, e todas as vezes que o lance for reprisado você vai procurar elementos que comprovem que o juiz errou. Por outro lado, seus amigos buscarão evidências contrárias. "

- Se for possível, para exemplificar, procure um vídeo no YouTube que exemplifique essa situação e mostre para os alunos.

OBSERVAR / REFLETIR

I- Discuta com os alunos sobre essa situação e pergunte se eles se identificam com ela, se já viveram algo semelhante, e faça a seguinte pergunta:
"Agora, imaginem que, no mesmo jogo, o juiz não marque uma falta para o time adversário. Como você reagiria? "
Após alguns minutos de discussão, apresente para a turma o conceito de Viés de confirmação.
Peça que eles pesquisem o significado desse conceito e anotem em seus cadernos os achados -- caso essa pesquisa não seja possível, escreva no quadro a definição e converse sobre ela com os alunos.

2- Retorne à história do jogo de futebol e pergunte se eles identificam o viés de confirmação na situação.

3- Agora, é hora de ampliar a discussão:

- Vocês acreditam que nossas crenças são influenciadas por nossas emoções?
- Vocês consideram correto afirmar que nossas crenças são influenciadas por estereótipos e preconceitos?
- Por que algumas pessoas permanecem tão firmes em suas crenças mesmo quando confrontadas com uma evidência esmagadora sobre sua convicção?
- Você conseguiria identificar em que momentos suas opiniões e atitudes são influenciadas pelo viés de confirmação?

APLICAR / CRIAR

Peça para um representante de cada grupo apresentar as conclusões da discussão.

Solicite para cada grupo a construção de pelo menos uma estratégia para identificar e evitar o viés de confirmação.

Cada grupo apresenta a regra construída e a turma toda entra em acordo para que haja regras comuns a todo grupo.

Se possível, coloque as regras no mural da sala.

VARIAÇÕES

Para faixas etárias diferentes	A atividade pode ser usada em todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Para circunstâncias diversas	O site do hoaxbusters pode servir de inspiração para a construção de site da turma para continuar a discutir assuntos polêmicos a partir dos critérios criados para detectar o Viés de confirmação.

Sugestão de filmes para discutir	***"Como lidar com teorias da conspiração"*** (2020) Livre ***"Todos os homens do presidente"*** (1976) +14 ***"O Jardineiro fiel" (2005)*** +14

3- DISSONÂNCIA COGNITIVA:
CONVIVER COM VISÕES DIFERENTES

Temos uma tendência a acompanhar a opinião do grupo. Por quê? Porque geralmente queremos a aprovação das pessoas que nos rodeiam. Mas, quando o fazemos sem nos perguntar se concordamos com as decisões do grupo, suspendemos nossa capacidade de refletir e de julgar. Deixamos de ser indivíduos e passamos a ser manada. A capacidade de ser um dissonante cognitivo é a de ser fiel ao que acreditamos que seja certo, orientados pelos princípios éticos, independentemente do que a maioria ao nosso redor possa pensar. Obviamente isso não significa que deixamos de considerar a opinião dos outros, mas que tomamos nossas decisões sobre o que é certo ou errado através de reflexões éticas em torno de valores coletivos, e não apenas acompanhando o grupo sem questionamento. Afinal, seguir o grupo sem refletir sobre o que se está fazendo pode ser perigoso, ou pode nos levar a cometer injustiças.

Por conta do desejo de ser aceito por aqueles ao nosso redor, é desafiador estar atento às atitudes de grupo que possam ferir valores coletivos e sociais mais amplos, especialmente para jovens, que ainda estão formando vínculos de identificação uns com os outros. O grupo vai sempre nos pressionar para que acompanhemos a opinião da maioria ou de seus líderes. Mas cabe a cada um questionar, refletir e, por vezes, ter a coragem de discordar e propor reflexões ao grupo todo.

Discordar do grupo pode ser chato, mas é possível tanto resistir à pressão do coletivo por conta própria, quanto conversar com os colegas para refletirem juntos sobre suas ações. São abordagens complementares, ambas as quais exigem um grau de coragem para enfrentar o desconforto de destoar da opinião coletiva.

A dissonância cognitiva se produz quando nos confrontamos com opiniões externas com as quais inicialmente não concordamos, mas que terminamos aceitando para nos sentir parte do grupo. Além disso, ela também pode ser interna, quando sentimos/pensamos em direções aparentemente conflitivas. Quando fazemos algo, podemos achar que *"ficou legal"*, mas outro lado da gente nos diz que *"pode ficar melhor"*. Um lado nosso nos diz *"faça isso que vai curtir"*, outro nos diz *"não faça, pois é perigoso"*. Como saber qual rumo tomar? A dissonância cognitiva se manifesta quando somos colocados diante

da responsabilidade de assumir uma posição, por um lado, e da fragilidade do nosso discernimento, por outro. Muitas vezes, trata-se da dificuldade em avaliar o que é certo. É possível aceitar que os conflitos internos e outras formas de enxergar o mundo são naturais, e devemos conviver com eles, procurando a solução mais satisfatória possível para cada um.

A dissonância cognitiva pode produzir desconforto, pois nos sentimos desgarrados entre duas demandas, cognitivas e/ou emocionais, que puxam em direções contrárias, enquanto queremos que nossos desejos e ações sejam coerentes. No entanto, a dissonância cognitiva não é um sentimento errado, mas sim parte da complexidade da vida, da variedade de nossos valores, e ela nos permite amadurecer. Ao nos movimentarmos para apagar a dissonância, deixamos de vivenciar a experiência da dúvida, que é justamente o caminho que leva à reflexão. No lugar de negar nossas dissonâncias, devemos aceitá-las como ponto de partida para procurar respostas mais adequadas.

VALOR FORMATIVO

A valorização da dissonância cognitiva nos permite entender que podem existir formas diferentes de ver o mundo, e nos leva a que estejamos abertos a múltiplas maneiras de enxergar a realidade, a ouvir outros argumentos e a entender pessoas e culturas diferentes, que expandem nossa visão da riqueza humana.

A dissonância cognitiva está na base de nossa criatividade. A capacidade de pensar por si mesmo, de questionar o que os outros consideram como dado, de confrontar as nossas crenças estabelecidas, é o fundamento do processo de criação. Toda criação é um esforço de enfrentar dissonâncias cognitivas, indo além das alternativas enxergadas pelos outros, olhando para o mundo a partir de um ângulo próprio e encontrando soluções novas e mais satisfatórias para os problemas. Refletir sobre a própria vida e a de nossos amigos para aprender a reconhecer e lidar com a dissonância cognitiva é um exercício poderoso de autoconhecimento.

CONSELHOS

Conviver com valores diferentes pode ser difícil e gerar conflitos internos, mas esses conflitos muitas vezes funcionam como motor para o desenvolvimento da criatividade. Jovens estão justamente no momento de vida mais propício a dissonâncias cognitivas, em que valores que lhes foram passados por vezes se chocam com novos valores que estão construindo com base em suas experiências. Cabe aos adultos ao redor lhes dar apoio e orientação para encarar suas dissonâncias cognitivas com naturalidade — afinal, conviver com demandas diferentes faz parte da vida — e para incentivar que usem a tensão resultante dessa dissonância cognitiva como uma tensão criativa. Enfrentar conflitos internos não necessariamente implica em superá-los, mas em saber conviver com eles de maneira produtiva.

Atividades capítulo 3

DISSONÂNCIA COGNITIVA: CONVIVER COM VISÕES DIFERENTES

ATIVIDADE I

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Dissonância cognitiva: conviver com visões diferentes
Nome da atividade	Mudando o posicionamento
Objetivos de aprendizado	Reconhecer o próprio posicionamento a partir da escuta de diferentes pontos de vista. Refletir sobre a pluralidade de pontos de vista e praticar a expressão do próprio pensamento.

ETAPA – descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

No início da aula, proponha um tema polêmico ou uma situação-problema que envolva a defesa/acusação de uma pessoa ou tema. A turma deve se dividir em grupos e pesquisar referências sobre o assunto que devem definir seus posicionamentos e construir argumentos para defendê-los. Algumas possibilidades são:

- Consumo exclusivo de produtos orgânicos;
- Uso de celular na sala de aula para atividades escolares
- Obrigatoriedade do voto no Brasil.

Os temas podem ser pensados a partir de alguma notícia que esteja na ordem do dia, algum assunto do currículo escolar, ou até mesmo uma questão da turma.

OBSERVAR / REFLETIR

Após preparados os argumentos, peça que os grupos, um a um, coloquem-se à frente da turma e que exponham o que prepararam em poucos minutos. Depois dessa primeira exposição, desafie-os a mudarem suas posições. Quem defendeu deve, agora, seguir com a exposição de argumentos no papel de acusador. E vice-versa.

CONCLUIR/APRENDER

Após as exposições, avalie a atividade com os estudantes, questionando-os sobre como se sentiram assumindo uma posição oposta ou diferente daquela para a qual se prepararam. Você pode perguntar aos alunos:

- Qual a importância da escuta numa situação de diálogo?
- Quem ouviu e considerou os argumentos do grupo com ponto de vista diferente no momento de mudar seu posicionamento?
- Quem refletiu sobre o seu real posicionamento com essa atividade?

A ideia é que, com essas perguntas, os estudantes possam compreender a importância de buscar o contraditório, conhecer outros pontos de vista para não serem dissonantes cognitivos, no sentido de terem a habilidade de diferir seus valores e pontos de vista dos valores e pontos de vista dos outros.

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Para circunstâncias diversas	Utilize a ferramenta KIALO ***(https://www.kialo-edu.com/)*** para estruturar o debate com a sua turma.
Sugestão de filmes para discutir	***"Testemunha de acusação"*** (1957) +12 ***"O sol é para todos"*** (1962) +12 ***"Doze homens e uma sentença"*** (1957) Livre

ATIVIDADE 2

Autor	Maura Marzocchi
Capítulo	Dissonância cognitiva: conviver com visões diferentes
Nome da atividade	Eu não preciso pensar como vocêo
Objetivos de aprendizado	Compreender o conceito de Dissonância Cognitiva. Entender como a utilização desse conceito auxilia no exercício de posicionamentos contrários.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Inicie a atividade pedindo para os alunos refletirem sobre as seguintes perguntas:
"Quantas vezes você disse para seus pais que gostaria de ir a uma festa porque todo mundo iria? "
"Quantas vezes você já fez algo que não teria feito, mas seu grupo inteiro estava fazendo?"
"Qual motivo o levou a fazer a mesma coisa que seus amigos? "

Após a reflexão individual, peça que os alunos conversem entre si (duplas) e anotem suas percepções sobre esses comportamentos.

OBSERVAR / REFLETIR

I- Peça que os alunos, ainda em dupla, reflitam sobre a seguinte questão:
"Se colocarmos pessoas boas em lugares ruins, elas podem mudar o comportamento, ou vão lutar contra o sistema? " Um representante da dupla apresenta as reflexões.

2- Retorne à história do jogo de futebol e pergunte se eles identificam o viés de confirmação na situação.

- Aracy Guimarães Rosa
- Aristides de Sousa Mendes
- Marian Burstein
- Oskar Schindler
- Irmãos Scholl

e conversar sobre os seguintes aspectos:

- Na opinião do grupo, por que essas pessoas se recusaram a seguir a opinião ou o caminho seguido por outras pessoas?
- O que levou essas pessoas a reagir à situação política desse momento histórico?
- Como o viés de normalidade ajudou esses personagens a manter-se de acordo com suas crenças?

Solicite que os alunos apresentem suas conclusões para todo o grupo e faça um fechamento da atividade criando, juntamente com a turma, algumas premissas que ajudem os alunos a usar a dissonância cognitiva em situações nas quais estejam na *"contramão do grupo"*.

APLICAR / CRIAR

Essa discussão pode ser trazida para muitas situações cotidianas vividas pelos alunos e/ou ser transposta para discussões políticas e econômicas que estamos vivenciando nos dias atuais.
Procure trazer o debate para essas questões, utilizando a dissonância cognitiva como o fiel da balança.

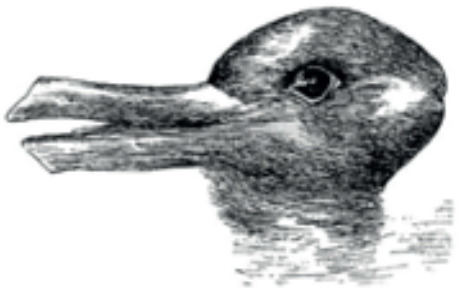
VARIAÇÕES

Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Para circunstâncias diversas	O Google Arts & Culture reúne um importante acervo de obras de arte e fotografias que podem auxiliar o desenvolvimento dessa atividade.
Sugestão de filmes para discutir	***"Moonlight: sob a luz do luar"*** (2020) Livre ***"A onda"*** (2008) +16 ***"All that we share"*** (2014) Livre ***"Kindness is contagious"*** (2020) Livre ***"Imba means sing"*** (2017) Livre

ATIVIDADE 3

Autor	Maura Marzocchi
Capítulo	Dissonância cognitiva: conviver com visões diferentes
Nome da atividade	Coelho ou pato? Diferentes ângulos permitem ver coisas diferentes.
Objetivos de aprendizado	Compreender a possibilidade de mudança de opinião a partir da mudança do olhar sobre um determinado assunto Perceber que existem visões diferentes sobre o mesmo assunto.

ETAPA - descrever



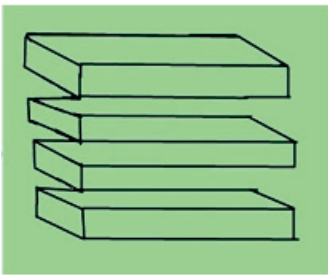
ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Apresente a imagem para os alunos e peça que eles anotem, sem anunciar para os colegas qual a primeira coisa que veem.

Abra a conversa e peça que eles expliquem por que acreditam que é um pato ou um coelho:

- O que o fez pensar que é um pato/coelho?
- Que características iniciais da imagem chamaram a atenção para ver um pato/coelho?
- Depois que você decidiu se era pato ou coelho, você quis mudar sua opinião?

OBSERVAR / REFLETIR



A ideia é que, com essas perguntas, os estudantes possam compreender a importância de buscar o contraditório, conhecer outros pontos de vista para não serem dissonantes cognitivos, no sentido de terem a habilidade de diferir seus valores e pontos de vista dos valores e pontos de vista dos outros.

- Que aspectos nos levam a ter uma determinada opinião sobre as imagens?
- Quais aspectos os levam a mudar ou manter sua opinião sobre a imagem.
- É possível ver duas imagens diferentes ao mesmo tempo? Por quê?

CONCLUIR

Finalize a atividade com as seguintes perguntas:

- Você já mudou a maneira de como pensava sobre algum assunto?
- O que levou você a mudar de opinião?

Solicite que eles escrevam as respostas em uma folha A4, utilizando canetas coloridas e utilizando a seguinte frase:
Eu pensava .....e agora eu penso.....
Peça que os alunos leiam o que escreveram o coloquem no mural da sala.

VARIAÇÕES

Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	***"Moonlight: sob a luz do luar"*** (2020) Livre

4- VIÉS DA ATRIBUIÇÃO:
DEVEMOS ESTAR ATENTOS AOS NOSSOS PRECONCEITOS

Devemos estar atentos aos nossos preconceitos ao procurar explicações causais para eles, pois eles agem de forma inconsciente. Nossos preconceitos nos levam a julgar situações sem o devido cuidado e afetam a maneira como determinamos quem ou o que é responsável por um evento ou ação e como o julgamos. Pessoas envolvidas em uma ação veem coisas de ângulos diferentes dos observadores externos.

Quando julgamos um ato, tendemos a nos concentrar em quem o fez e não no ato em si. Se foi feito por alguém de quem gostamos ou por nós mesmos, tendemos a justificá-lo como algo excepcional, ou como produto das circunstâncias. Quando é feito por alguém de quem não gostamos, achamos que é da natureza da pessoa, e que suas circunstâncias ou razões são irrelevantes.

Em suma, tendemos a ser compreensivos com os "nossos" e preconceituosos com o resto. Este viés funciona de forma inversa em casos de sucesso. Quando o sucesso é nosso ou de pessoas queridas, o explicamos como resultado da capacidade de fazer as coisas bem-feitas. Quando o "outro lado" tem sucesso o atribuímos a sorte, apoio externo, ou o consideramos uma exceção. A consequência deste viés, chamado "viés de atribuição" pela bibliografia, é que somos condescendentes com nós mesmos ou com pessoas com quem simpatizamos, sem refletir mais a fundo sobre o que aconteceu e sobre como devemos mudar ou ajudar a mudar as pessoas que o fizeram. Do outro lado, condenamos pesada e cegamente pessoas das quais desgostamos pelas mais variadas razões.

A procura de superar o viés de atribuição nos permite ir além dos limites de nossa percepção imediata, dos nossos preconceitos e distorções produzidos por nossos afetos e experiências passadas e de nossa tendência a fazer julgamentos apressados (ou insuficientemente fundamentados). Geralmente, julgamos por atribuição quando somos motivados ou pressionados a decidir.

PRECONCEITO NAS REDES SOCIAIS

Nas redes sociais, comportamentos discriminatórios — oriundos com base no viés da atribuição, ou seja, no preconceito — se proliferam na forma de ataques virtuais, discursos de ódio, ciberbullying e reprodução

de imagens preconceituosas. Enquanto as mesmas plataformas também são usadas para todo tipo de ativismo (por exemplo, através de hashtags como #VidasPretasImportam ou #LuteComoUmaGarota) e oferecem opções de denunciar publicações, redes sociais se revelam como espaços propícios para manifestações de preconceito, seja de raça, gênero, nacionalidade ou outros. Esses preconceitos estão presentes e são reproduzidos na convivência off-line e on-line, mas tomam contornos específicos em cada tipo de ambiente. Nas redes, o preconceito e o discurso de ódio se proliferam, por exemplo, através de comentários agressivos em postagens pessoais, ataques coordenados com ajuda de bots, exposição e constrangimento público, chamados à violência, entre outras formas.

Do ponto de vista da regulação, as mesmas características que fazem das redes espaços aparentemente "abertos" e "livres" (entre aspas, pois todos obedecem a algoritmos pouco transparentes) tornam o combate ao preconceito on-line um desafio. Por exemplo, a facilidade de qualquer um ter espaço de fala, a democratização de acesso à informação, e até mesmo a possibilidade do anonimato.

Ainda que desafiador, existem medidas possíveis. Cada plataforma tem regras próprias visando coibir práticas de discriminação, e alguns países possuem legislação específica para esses casos. No caso do Brasil, por exemplo, é possível denunciar criminalmente racismo a partir de ataques virtuais.

VALOR FORMATIVO

O viés de atribuição atrapalha nossa capacidade de julgar situações de maneira mais equânime. Quando julgamos os outros exclusivamente com base em nossos preconceitos deixamos de olhar para o contexto em que as ações ocorrem, e o resultado é que formamos opiniões sem embasamento. Opinar ou tomar decisões enviesadas por conta de percepções pré-concebidas geralmente resulta em injustiças com quem está sendo julgado.

Pular para conclusões rápidas é fácil, mas para reduzir o número de injustiças que cometemos é importante tomar cuidado com a maneira que nossas atribuições enviesam nossos julgamentos. Ao longo do tempo, os exercícios de superar nossos vieses de atribuição contribuem para o desenvolvimento de nossa inteligência emocional.

CONSELHOS

Todos cometemos erros por causa do viés de atribuição. Talvez, de todos os vieses cognitivos, esse seja o mais corriqueiro. A melhor maneira de refletir com os jovens e evitar cair na armadilha da atribuição é através de exercícios de empatia.

RECURSOS ON-LINE:

https://www.cfr.org/backgrounder/hate-speech-social-media-global-comparisons

Atividades capítulo 4

VIÉS DA ATRIBUIÇÃO: DEVEMOS ESTAR ATENTOS A NOSSOS PRECONCEITOS

ATIVIDADE I

Autor	Maura Marzocchi
Capítulo	Viés de atribuição
Nome da atividade	Pensando em nossos preconceitos
Objetivos de aprendizado	Ampliar a compreensão do conceito para questões históricas mais amplas. Auxiliar alunos a perceber o viés de atribuição em análises de eventos.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

A história de Chimamanda Adichie
Opção digital:
Chimamanda Adichie

OBSERVAR / REFLETIR

I- Após a leitura do texto, peça que seus alunos, em grupo, organizem um quadro/gráfico que contenha as palavras que descrevam a autora:

- Como ela se define?
- O que ela gosta de fazer?
- Como ela descreve a maneira como os outros a veem?
- Por que sua colega de quarto ficou surpresa com o fato de ela falar inglês?
- Por que ela ficou surpresa quando foi ao México?

2- Peça que os alunos conversem em grupo e anotem as conclusões sobre:

- O que Adichie quer dizer com "história única"?
- Que exemplos ela dá?
- Por que ela acredita que "histórias isoladas" são perigosas?

3- Abra a conversa para todo o grupo e peça para que cada grupo exponha suas conclusões.A seguir, solicite aos alunos que retornem às suas respostas e ao texto e identifiquem o conceito de viés de atribuição na história contada pela autora, utilizando como guia as palavras SUPOSIÇÃO, PRECONCEITO e DISCRIMINAÇÃO.

4- Conclua a discussão com a seguinte pergunta: por que as pessoas às vezes cometem os mesmos erros que facilmente veem os outros cometendo?

APLICAR / CRIAR

- Peça para que os alunos criem um quadro no qual respondam às perguntas.
- Essas perguntas devem ser respondidas anonimamente.
- Recolha as folhas de papel e redistribua entre os colegas de turma e peça que, a partir da descrição, eles indiquem o autor das respostas e expliquem por que fizeram a escolha.
- Relacione esse processo de escolha ao conceito de viés de atribuição
- Como ela descreve a maneira como os outros a veem?

Quem sou eu?
Quem sou eu na minha família?
Onde eu moro?
Onde eu nasci?
O que me define?
O que eu gosto de fazer?
Quais são minhas principais crenças?
Qual meu maior sonho?

VARIAÇÕES

Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2, mas sugerimos que algumas perguntas da aplicação sejam adaptadas para a faixa etária.
Sugestão de filmes para discutir	***"Olhar estrangeiro"*** (1957) +12 ***"Sierra Burgess é uma loser"*** (2018) +12 ***"Olhos que condenam"*** (2019) +16

ATIVIDADE 2

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Viés de atribuição
Nome da atividade	Não há história sem rosto
Objetivos de aprendizado	Compreender o conceito do viés de atribuição. Compreender em que medida o viés de atribuiçã está presente em nossos julgamentos.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

O professor deve propor que os estudantes imaginem a seguinte situação: houve um grande acidente nuclear na Terra, mas algumas pessoas podem ficar abrigadas em um subsolo. No entanto, há poucas vagas e, da lista a seguir, cada estudante pode escolher apenas três pessoas para salvar.

OBSERVAR / REFLETIR

Professor compartilha a lista de perfis com a opção de os estudantes marcarem três que salvariam, segundo seus critérios. A lista é:

I- Carpinteiro, amigo de prostitutas e pobres, condenado à morte pela Justiça.
2- Ex-soldado de guerra, condecorado por bravura, amante da música clássica e das artes visuais.
3- Ex-presidiário que ficou 27 anos na cadeia por terrorismo.
4- Ativista negro condenado por causar desordem pública.
5- Estudante com dificuldade de aprendizagem em várias disciplinas, mas bom em física e matemática.
6- Artista e intelectual que deixou muitas obras inacabadas.

CONCLUIR

Os alunos devem dizer quais formam os perfis escolhidos e por quê. Na sequência, o professor revela as identidades das pessoas: (1) Jesus Cristo, (2) Adolf Hitler, (3) Nelson Mandela, (4) Martin Luther King, (5) Albert Einstein e (6) Leonardo Da Vinci.
Questione os estudantes sobre seus critérios de escolha, para entender o que os motivou para incluir uns e excluir outros em suas listas de salvação. Ao final do debate, é importante frisar que os preconceitos partem, muitas vezes, do ângulo a partir do

qual julgamos pessoas e situações. E que os significados que atribuímos às pessoas, a partir de alguns aspectos de suas biografias, têm potencial de se tornarem estigmas, causando prejuízos permanentes a suas memórias.

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	***"Selma – Uma luta pela igualdade"*** (2014) +14 ***"Histórias cruzadas"*** (2011) +12 ***"Corra!"*** (2017) +14 ***"Estrelas além do tempo"*** (2067) +14 ***"Infiltrado na Klan"*** (2018) +14 ***"O menino do pijama listrado"*** (2008) +12 ***"Entre os muros da escola"*** (2008) +12

5- VIÉS DA NORMALIDADE:
CADA PESSOA TEM DIREITO A SER DE SEU JEITO

Todos nós temos os mais variados gostos, em geral adquiridos no convívio familiar e depois com amigos. Eles incluem preferências de comida, a forma de se vestir, padrões de beleza, esportes, times de futebol ou formas de ser — alguns de nós somos mais introvertidos e, outros, mais extrovertidos. O viés da normalidade nos leva a pensar que nossa forma de ser é a única certa e a do resto é errada. Do nosso ponto de vista, temos dificuldade de conceber que aquilo que nos parece normal ou universal é, na verdade, singular, próprio de um grupo de referência dentro do qual convivemos, quando a sociedade se fundamenta na diversidade.

O que chamamos de normal não tem nada a ver com certo ou errado. Certo ou errado se referem às questões de ordem moral, isto é, princípios gerais que servem para respeitar e não machucar nem ofender os outros. Preferências em relação a gostos e hábitos são de ordem pessoal, informadas por contextos culturais, e cada um tem o direito de ser do jeito que quiser. Elas não devem ser usadas para desqualificar os outros.

Tudo aquilo que nós achamos *"normal"* na nossa sociedade, pouco tempo atrás não era. Os modelos de beleza mudam constantemente, seja de tipos de corpos idealizados ou de modas de roupas, e comidas que pareciam exóticas ou indigestas passam a ser consideradas maravilhosas. As primeiras mulheres a usarem calça eram mal vistas, sandálias havaianas eram consideradas *"coisa de pobre"* e viraram moda universal. Não existe *"normal"* em relação a crenças religiosas ou opiniões sobre os mais diversos temas. Cada pessoa deve procurar seu jeito de ser e de pensar, todas as crenças e opiniões são válidas. O que não é válido é ofender aqueles que pensam e acreditam de forma diferente da nossa, ou procurar impor nossas opiniões. Devemos rejeitar a ideia de que temos de fazer algo porque é *"normal"*, ou porque *"todos fazem assim"*. O certo não é o impulso inicial ou o desejo imediato, mas sim aquilo que nos convence porque está de acordo com o que sentimos, pensamos, achamos justo, e que se fundamenta em argumentos razoáveis e preceitos éticos.

Se alguém é diferente de nós, significa que nós somos diferentes dessa pessoa. Nem ela nem nós somos normais ou anormais. ***Simplesmente somos diferentes e, portanto, diversos. A diferença permite a diversidade.***

Se todos pensassem igual, ninguém criaria nada de novo, ninguém teria dúvidas ou curiosidade, pois, cada vez que temos dúvidas, somos curiosos, criativos e refletimos, nos diferenciamos.

Reconhecer o viés da normalidade é reconhecer e respeitar os outros em sua diferença sem a expectativa de que exista uma definição fixa e fechada do que é normal. A diversidade entre as culturas e entre as pessoas é algo a ser celebrado. Uma vez que se aprende a valorizar a diversidade — em vez de simplesmente *"tolerá-la"* — é possível aprender com a diferença. Isso significa ganhar novas perspectivas, novos conhecimentos, desfazer preconceitos (viés da atribuição), e procurar compreender aqueles que são diferentes (empatia).

Muitas vezes, presumimos que nosso comportamento é *"neutro"*, *"normal"*, e que quem é diferente é o "desvio" ou faz uma escolha de ser diferente. Na realidade, os hábitos que julgamos serem "normais" e "neutros" podem ser vistos como estranhos por outras pessoas. Por exemplo, na Índia um aipim frito – alimento normal no Brasil – é considerado uma comida exótica. Enquanto isso, um caracol na França é considerado uma iguaria, em alguns países se come carne de cavalo, a lista é interminável. Comer carne animal para uns é aceitável e, para outros, uma barbaridade. Em São Paulo, é normal as pessoas se cumprimentarem com um beijo no rosto, e, no Rio de Janeiro, dando um beijo em cada bochecha. Ser diferente não deve ser confundido com o que é certo ou errado. O diferente é apenas diferente.

Então por que muitas vezes gozamos e maltratamos as pessoas diferentes? As respostas são múltiplas, dentre elas:

- Às vezes simplesmente porque estamos com raiva ou frustrados por alguma outra coisa e descontamos nos mais fracos;
- Porque é uma forma de nos sentirmos superiores quando queremos nos afirmar perante o grupo;
- Porque a forma de ser do outro nos deixa inseguros.

Como nos fechamos em bolhas, as redes sociais facilitam a tendência a achar nosso jeito de ser como certo e o resto como errado, reforçando o viés da normalidade. As bolhas facilitam o assédio e a ofensa, porque as mensagens circulam entre pessoas que possuem as mesmas afinidades. As redes sociais nos dessensibilizam mensagens circulam entre pessoas que possuem as mesmas afinidades. As redes sociais nos dessensibilizam — é mais fácil enviar uma mensagem quando não temos de suportar o sofrimento que causa no outro.

As redes sociais, apesar de serem locais de grande exposição, são praças em que não precisamos ver a reação, face a face, de quem recebe nossos comentários. Por isso, muitas vezes servem como um refúgio para aqueles que ofendem, assediam ou praticam bullying.

Conversar com calma, ouvir o outro com atenção e conhecer maneiras diferentes de ser, agir e pensar não significam necessariamente gostar ou concordar, mas sim respeitar. ***O exercício de respeitar sem concordar é fundamental no convívio social.***

VALOR FORMATIVO

Abrir-se para maneiras diferentes de pensar e agir é um jeito de alargar as próprias percepções. Quando não assumimos que nossas opiniões e nosso jeito de fazer as coisas são a única forma de ser, é mais fácil enxergar formas diferentes como alternativas interessantes. Entrar em contato com pessoas diferentes sem partir da premissa de que estão erradas nos permite aprender com o que parece estranho, inclusive como uma forma de autoconhecimento, ou seja, de melhor compreender por que somos como somos. Não há nada de errado em gostar do jeito que somos. O errado é maltratar as pessoas que são diferentes de nós.

CONSELHOS

Na medida em que os jovens convivem com atitudes de tolerância e respeito, eles tenderão a reproduzi-las, afinal, a formação de valores se faz, em grande medida, pela experiência e pelo exemplo. Os jovens precisam se sentir confortáveis para fazer perguntas — tanto aos pais quanto aos professores — que podem parecer difíceis e, em situações de grupo, potencialmente ofensivas. Na hora de organizar conversas coletivas, é preciso uma forte mediação para que todos se sintam respeitados e seguros para perguntar e responder.

- Introduzir nas lições referências de outras culturas, como músicas, filmes e fotografias. Essa é uma maneira constante e eficaz de colocar os jovens em contato com a diferença e a diversidade.

RECURSOS ON-LINE:

https://new.safernet.org.br/content/infografico-bullying

https://new.safernet.org.br/content/o-que-e-ciberbullying

https://marcuspessoa.com.br/6-casos-de-cyberbullying-que-tiveram-final-tragico/

Cyber Bullying (UNICEF) *https://www.youtube.com/watch?v=asT-ti6y39xI*

Atjvidades capítulo 5

VIÉS DA NORMALIDADE: CADA PESSOA TEM DIREITO A SER DE SEU JEITO

ATIVIDADE I

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Análise de campanhas publicitárias
Nome da atividade	Pensando em nossos preconceitos
Objetivos de aprendizado	Problematizar padrões e refletir sobre o que é considerado normal e socialmente aceito, identificando preconceitos e estigmas.

ETAPA – descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

O professor deve pesquisar campanhas acerca de uma mesma temática em que, em uma delas, haja maior diversidade de estereótipos ou a valorização de padrões de beleza. Campanhas como "Dove – Retratos da real beleza" e "Donas dessa beleza", da Avon, são exemplos interessantes para explorar a questão da diversidade como valor. Comerciais de cerveja, no geral, podem ser objetos interessantes para explorar estereótipos e padrões.

Opção digital: a atividade pode ser proposta a partir da disponibilização de imagens das campanhas em alguma plataforma de ensino remoto ou a distância.

OBSERVAR / REFLETIR

A fim de estabelecer uma comparação entre as campanhas, apresente duas imagens à turma: uma que valorize a diversidade e a outra que ressalte padrões. A partir delas, provoque uma discussão a partir das questões:

- Qual dessas imagens apresenta pessoas com as quais estamos mais acostumados a lidar e presenciar? Como essas pessoas costumam enxergar a si mesmas, seus corpos?
- Qual dessas imagens apresenta pessoas que costumamos julgar como bonitas? O que nos leva a considerar essas pessoas bonitas e não as da outra campanha?
- Qual dessas campanhas valoriza mais a diversidade e por que essa valorização é importante?

CONCLUIR

Conforme a discussão acontece, você pode introduzir conceitos de obesofobia, racismo, machismo e outras formas de preconceito, evidenciando que estes ainda orientam boa parte do imaginário social e são reforçados por campanhas publicitárias e outros produtos culturais dos meios de comunicação.

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	***"Pequena Miss Sunshine"*** (2006) +4 ***"O escafandro e a borboleta"*** (2007) +14 ***"Corra!"*** (2017) +14 ***"Colegas"*** (2012) +12 ***"Shrek"*** (2001) Livre ***"De volta para o futuro"*** (1985) Livre ***"Adeus, Lênin!"*** (2003) +14

ATIVIDADE 2

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Viés da normalidade
Nome da atividade	A normalidade na história
Objetivos de aprendizado	Compreender as transformações culturais como um processo e entender de que maneira estas influenciam o conceito de normalidade.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Esta atividade pode partir de diferentes propostas:

- Desenvolver com alunos pesquisa sobre hábitos, usos e costumes ao longo da história (etiqueta, moda, música etc.). - ***https://fashionhistory.fitnyc.edu/*** -
- Alunos entrevistam pessoas mais velhas da família, de seu convívio social, da escola, da comunidade, etc., para saber como se fazia, antigamente, para pesquisar um contato telefônico, endereço e trajeto a lugares desconhecidos.
- Entrevistar familiares adultos sobre aparência e comportamento em seus tempos de juventude: estilos de roupa e cabelo socialmente aceitos como bonitos, formas de flertar e elogiar.

Opção digital: a atividade pode ser proposta de forma assíncrona, a partir de alguma plataforma de ensino remoto ou a distância, com discussão posterior em videoconferência.

OBSERVAR / REFLETIR

Nesse processo, estudantes devem compartilhar suas descobertas com a turma, evidenciando o que antes ou em outras culturas era/é considerado normal em contraste com a sua cultura e hábitos. Se possível, devem explicar como se deu a transformação do que antes ou em outras culturas se entendia como normal e hoje poderia ser percebido com estranhamento pelas pessoas.

CONCLUIR

Você pode finalizar a atividade destacando que a diversidade também existe em uma mesma cultura, ressaltando as diferentes referências e modos de ser de pessoas que fazem parte de um mesmo país, de uma mesma cidade e até mesmo de uma mesma

família. E que os modos de ser do outro precisam ser respeitados para que haja um bom convívio. Para isso, você pode recorrer a imagens de famílias que acolham a diversidade como um valor ou que retratem costumes regionais brasileiros, relacionados à alimentação e arte popular, por exemplo.

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	***"Casamento grego"*** (2002) Livre ***"Crianças reagem a uma máquina de escrever"*** (2014) Livre ***"Driblando o destino"*** (2002) Livre ***"Janela da alma"*** (2001) Livre ***"Dudu e o lápis cor de pele"*** (2018) Livre

6- VIÉS DO MANIQUEÍSMO

As relações entre pessoas e grupos produzem constantemente situações conflitivas. O viés do maniqueísmo é a tendência a analisar qualquer situação de conflito de opinião como sendo uma luta entre o bem e o mal, no qual seu lado representa o bem e o *"outro lado"*, o mal. O maniqueísta supõe que todos aqueles alinhados à sua crença estão sempre certos, e o resto, totalmente errado. O maniqueísmo é fruto de uma postura autocentrada, que percebe a realidade em termos absolutos. Ou seja, não se trata exatamente de desconhecer que para tudo há mais de um lado, mas muitas vezes de desconhecer a própria existência de *"lados"*. A partir dessa visão absoluta, constroem-se oposições absolutas em que é possível apenas ser totalmente *"dentro"*, *"alinhado"*, *"bom"* ou totalmente "fora", *"ruim"*.

O maniqueísmo desumaniza o opositor e a nós mesmos. Se o opositor está sempre do lado do mal ele não merece nosso respeito. E se nós estamos sempre certos, então somos santos e pessoas que sabem tudo, e não seres humanos com suas limitações e erros.

O maniqueísta é intolerante. Ele não julga, condena. O maniqueísmo vive numa camisa de força mental que não permite aprender com seus próprios erros e com os acertos dos outros. A realidade é complexa, e exige sensibilidade frente a cada situação e a capacidade de discernir a partir dos fatos. Se observamos uma situação de conflito na qual pessoas discutem e se culpam mutuamente, descobrimos que na maioria dos casos ambos os lados são responsáveis, ainda que um possa ser mais que o outro.

O maniqueísta transforma o adversário em inimigo, alguém que não pode fazer nada de bom. Um adversário é alguém de quem você discorda, mas isso não quer dizer que a pessoa seja um monstro. O maniqueísmo, junto com o viés da confirmação, reforça a polarização e a visão daqueles que não gostamos como de *"inimigos"*, pessoas inteiramente condenáveis, das quais não se pode esperar nada de bom.

Como para o maniqueísta quem discorda dele é uma pessoa ruim, tudo o que o outro faz está a serviço do mal, portanto usará subterfúgios para enganar as pessoas inocentes, ingênuas e boas.

Na história, o maniqueísmo levou a perseguições e massacres. Ele justifica maltratar e destruir aqueles que discordam, pois são identificados com o mal. Ele é o alimento de visões ***conspiratórias***. O que é uma visão conspiratória? A chamada visão conspiratória da História tem geralmente um objetivo político. Ela agrupa informações, algumas fantasiadas e outras deturpadas ou pinçadas da realidade complexa, para culpar um grupo por todos os males que afligem a sociedade. Ela sobre dimensiona o poder de uns, e posiciona o restante da população como uma vítima passiva, sem responsabilidade nem capacidade de influenciar seu destino. Em outros casos, a visão conspiratória é usada para desviar a atenção dos fatos. Por exemplo, quando se denuncia um crime, a visão conspiratória desvia o foco para as razões do denunciante, no lugar de analisar se o crime foi realizado.

Assim, no lugar de enfrentar problemas complexos, pessoais e sociais, transfere-se a responsabilidade a um grupo externo, o qual bastaria ser eliminar para que todo mundo fosse feliz.

Teorias da conspiração mais populares:

- *"O inimigo externo"* – figuras externas que desejariam fazer algum mal a uma comunidade à qual não pertencem;
- *"O inimigo interno"* – figuras internas à comunidade que usariam subterfúgios para fazer o mal;
- O *"manipulador da informação"* – geralmente jornalistas que denunciam desmanes, mas que na realidade o fariam a serviço de uma agenda inconfessa.

O princípio da dúvida, essencial para o pensamento crítico, não deve ser confundido com visões conspiratórias, pois o que ele faz é questionar, exercer o ceticismo, procurar novas informações comprováveis e explicações alternativas de realidade.

A dúvida crítica e produtiva é aquela que impulsiona a busca por diferentes fontes de dados, por provas concretas e públicas, e por mudar de ideia diante de novas informações. Ou seja, enquanto a teoria da conspiração oferece uma narrativa fechada, dogmática, o pensamento crítico estimula a procura por explicações fundadas em fatos e sem preconceitos.

VALOR FORMATIVO

O maniqueísmo é inimigo da vida, que é complexa e inclui valores e sentimentos contraditórios, e da necessidade de se assumir a responsabilidade sobre o próprio destino e o bem comum. O maniqueísmo paralisa nossa capacidade de reflexão, pois define a priori que o lado oposto é sempre ruim e que nosso lado sempre é o bom. O maniqueísta, portanto, só enxergará aquilo que confirma seu prejulgamento e ignorará qualquer informação que os desmente.

Esse tipo de raciocínio *"tudo ou nada"* – no qual meu lado é maravilhoso e o do outro é maligno – chama-se pensamento dicotômico e contribui para agressividade e polarização. Isso pode se manifestar das mais diversas maneiras na vida de alguém:

- Preconceito e exclusão, ao considerar que um grupo é "inimigo" e colocar todos desse grupo em uma categoria rígida composta apenas de características negativas;
- Perda de criatividade e flexibilidade, pois ao pensar a si mesmo como alguém que faz "isto" e não "aquilo" perde-se a chance de entender formas diferentes de agir, e perda da capacidade de enxergar novas oportunidades para si;
- Dificuldade de relacionamentos, porque o pensamento dicotômico varia entre idealizar e desvalorizar os outros. Pensar apenas com conceitos extremos, como "maravilhoso x horrível" ou "santo x monstruoso" afeta todo tipo de relação – familiar, de amizade, romântica – através de ciclos intensos de proximidade e afastamento, de sentimentos extremos de amor ou repulsa.

Por isso, trabalhar para desconstruir o pensamento dicotômico e evitar cair na armadilha do viés maniqueísta contribui para a formação de um pensamento reflexivo, imune à manipulação de mensagens de ódio, aberto à convivência e respeitoso de opiniões diferentes.

CONSELHOS

É possível guiar os jovens para que, em conversas cotidianas, eles aumentem e raciocinem contrapontos sem transformar o adversário em inimigo, o diferente em maligno.

Por exemplo:
Adotar o uso de frases como “vamos concordar em discordar” ou “não concordo, mas vou pensar a respeito” podem ser maneiras equilibradas de encerrar uma discussão após ambas as partes terem exposto seus argumentos. Em vez de partir de um ponto de querer convencer o outro a compartilhar a mesma posição que você, aproveite o debate para compreender como é possível pensar de maneiras diferentes sobre uma mesma situação. Evite usar termos extremos. Experimente expor sua posição calma e ordenadamente, sem demonizar quem discorda dela.

As pessoas geralmente entram em um debate para ganhar. Quando se desloca a premissa inicial da conversa para um desejo de se conectar e conseguir trocar com o outro lado, é interessante também mudar as estratégias de debate. Quando usamos apenas dados e estatísticas para provar nossos pontos – ainda que esses dois recursos sejam fundamentais para embasar nossas posições – é fácil esquecer que os números representam pessoas reais. Desse modo, frequentemente debates se tornam abstratos. Uma alternativa é começar as conversas em registro narrativo, compartilhando relatos de pessoas reais. Antes de contra-argumentar, o outro vai ouvir a sua história – e você vai ouvir a dele. Antes de você ou o outro ganhar ou perder, estarão estabelecendo uma conexão.

Atjvidades capítulo 6

VIÉS DO MANIQUEÍSMO: O MUNDO NÃO É BRANCO OU PRETO

ATIVIDADE I

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Viés do maniqueísmo
Nome da atividade	As diferentes visões na Wikipédia
Objetivos de aprendizado	Avaliar a Wikipédia como mecanismo de investigação. Analisar as discussões que acontecem na Wikipédia e a maneira como estas são mediadas.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Abra uma página de pesquisa com os alunos e escolha um tópico para ser pesquisado. Converse com os alunos sobre:

- O número de resultados que apareceram;
- Quais foram as primeiras páginas de pesquisa que foram sugeridas;
- Pergunte para os alunos se e como eles utilizam a Wikipédia para fazer pesquisa.

O link abaixo pode ajudar a compreender a história e a estrutura da Wikipédia.
História da Wikipédia

OBSERVAR / REFLETIR

Organize a turma em grupos de 5 alunos e entregue para cada um dos integrantes as fichas impressas.
Cada aluno do grupo escolhe um tópico para pesquisar na Wikipédia e preenche o quadro distribuído.
Depois que o quadro estiver preenchido, os alunos do grupo devem conversar sobre seus achados e anotar suas impressões iniciais.
Em seguida, peça que os alunos preencham o quadro

Opção digital:
Compartilhe o documentos com os líderes dos grupos e peça para que cada um deles faça uma cópia e compartilhe novamente com seus pares.

APLICAR / CRIAR

1- Solicite que cada integrante do grupo fale sobre o que foi conversado no grupo, especialmente quais conclusões foram anotadas para as perguntas do quadro 2. *(Essa etapa é fundamental para que as ideias circulem entre todos os participantes)*

2- Solicite que os alunos voltem às páginas que utilizaram para a pesquisa e analisem o conteúdo da aba *"Ver histórico"*, selecionando três discussões mais recentes e comparando as versões selecionadas.

Termine a atividade com as seguintes perguntas:

Quais diferenças encontraram nas discussões que acontecem na página selecionada?

Essas discussões mostram opiniões diferentes sobre o assunto?

Essas discussões fazem da Wikipédia uma fonte de pesquisa confiável?

Você recomendaria a Wikipédia como fonte de pesquisa? Por quê?

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Sugerimos que essa atividade seja desenvolvida com alunos do Ensino Médio
Sugestão de filmes para discutir	***https://www.youtube.com/watch?v=tcgKdkTkVnw"***

ATIVIDADE 2

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Viés de atribuição
Nome da atividade	Expressar-se com precisão
Objetivos de aprendizado	Ampliação do vocabulário para expressar sentimentos e emoções que fujam de padrões maniqueístas como *"amo/odeio"*, sofisticando as formas de adjetivar o mundo e suas situações.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

O professor(a) apresenta uma relação de emojis e pergunta à turma que palavras poderiam ser atribuídas a cada um deles, desafiando a turma a utilizar expressões precisas que traduzam verbalmente o sentimento manifestado pelo emoji. No entanto, pede que os estudantes evitem recorrer a palavras de carga maniqueísta, como: *"amo/odeio"*, *"lindo/horrível"*, *"maravilhoso/péssimo"*, *"legal/chato"*. A ideia é estimulá-los a utilizar palavras mais precisas.

Opção digital: a atividade pode ser proposta num grupo de WhatsApp.

OBSERVAR / REFLETIR

A relação de emojis pode ser distribuída em pequenos grupos de 4 ou 5 estudantes e que estes possam juntos relacionar palavras aos emojis. Depois da discussão e listagem das palavras, os grupos compartilham suas atribuições com toda a turma. Se possível escreva as palavras atribuídas para cada emoji num quadro e discuta-as com a turma.

CONCLUIR

Ao término da atividade, aplique a dinâmica *"Que bom, que pena, que tal"*. Novamente, os alunos devem escolher uma palavra ou dizer uma frase curta que expresse o que acharam da aula: o que foi bom, em *"que bom"*; o que não foi bom, em *"que pena"*; e uma sugestão, em *"que tal"*. Se neste momento expressões ou palavras vagas, como: "legal" ou "chata" aparecerem, peça que sejam mais precisos. Você pode questioná-los: "Foi legal por quê? " ou "Foi chata por quê?". Assim, vocês os estimulará a serem mais precisos na expressão de seus sentimentos e opiniões.

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	***"Distrito 9"*** (2009) +14

RECURSOS ON-LINE:
https://www.despolarize.org.br/

7- A PRIVACIDADE COMO VALOR

Os jovens de hoje nasceram em um mundo digital. Geralmente sua estreia nas redes sociais começa quando os pais compartilham fotos do ultrassom, do nascimento, ou de seus primeiros passos. Ou seja, antes mesmo de saberem falar, sua imagem e vida particular já circularam por redes sociais e foram armazenadas em depósitos de dados da internet. Além disso, é cada vez mais comum que crianças façam uso do celular dos pais desde pequenas, e que adquiram seu próprio aparelho ainda na infância, o que quer dizer que as inteligências artificiais e algoritmos informados por bancos de dados de usuários começam a armazenar informações sobre seu comportamento on-line desde cedo. Como resultado, suas noções de privacidade são bastante diferentes das que tinham as gerações anteriores, e a maneira que navegam on-line é diretamente influenciada por isso.

Entretanto, ser um nativo digital é diferente de saber participar do mundo digital com segurança. Mesmo que os jovens dominem o uso das tecnologias e plataformas sociais mais recentes, precisam ter conhecimento e senso crítico para navegarem com segurança e responsabilidade, protegendo a própria privacidade, distinguindo público do privado e processando as informações que chegam até eles com cautela. As redes sociais se transformaram em um espaço em que o privado e o público se misturam, não havendo mais uma clara distinção entre ambos. As próprias noções de público e privado podem estar desgastadas para descrever as novas comunicações estabelecidas nas redes sociais, na medida em que foram elaboradas em uma era em que o espaço ainda podia ser entendido em termos mais concretos, por exemplo: a casa como espaço privado e a rua como público. Hoje, pode-se fazer um anúncio público de dentro de casa e trocar uma mensagem privada em silêncio no meio da rua. As noções tradicionais de espaço também foram embaralhadas

Essa indistinção entre público e privado acontece não somente na informação que circula na "linha de tempo" do perfil dos usuários do Facebook ou do Twitter, onde uma informação extremamente pessoal e íntima é seguida de uma opinião sobre temas de interesse público, como também afeta a própria comunicação postada, onde os argumentos sobre temas de interesse geral são feitos em nome de experiências pessoais ou expressados de forma mais emotiva do que argumentativa. Confusões acerca de questões de privacidade e

segurança não afetam os jovens exclusivamente – adultos e idosos, que começaram a usar a internet e redes sociais em idade mais avançada, muitas vezes demonstram dificuldade de compreender como essas noções se desenvolvem nas redes. Por apresentar um desafio a todos, frequentemente adultos têm dificuldade em orientar os jovens acerca destas questões.

A privacidade é um direito que precede e vai muito além da internet e das redes sociais: adolescentes são, muitas vezes, especialmente sensíveis no que diz respeito à sua vida particular diante de sua família ou de seus professores. Porém, a arquitetura de coleta de informações da internet (big data) e os históricos de postagens nas redes sociais apresentam desafios específicos e urgentes para a sua preservação.

A internet representa o fim de uma cultura milenar que fazia uma distinção clara entre comunicação oral e comunicação escrita. A comunicação falada em âmbitos informais era contextual e dirigida às pessoas presentes, com um forte componente de espontaneidade. Nela, os participantes da conversa expressavam suas opiniões não apenas por meio de palavras, mas também pelo tom de voz e por gestos físicos; estavam visualmente atentos e conectados às emoções que suscitavam em seus ouvintes. Da palavra falada nada ficava, a não ser nas lembranças das pessoas presentes.

A comunicação escrita tradicional, pelo contrário, em geral é refletida e elaborada de maneira demorada. A ausência do interlocutor é compensada pela consideração do impacto do texto no leitor. As redes sociais erodiram as fronteiras entre ambas, gerando uma nova forma de comunicação: a *"fala escrita"*, em que prevalecem as mensagens curtas e rápidas. Diferentemente da "velha" comunicação escrita, ela não é refletida nem amadurecida, pois, em geral, é constituída por mensagens quase instantâneas, e suas réplicas são escritas sob a pressão da expectativa de uma resposta rápida. De outro lado, diferentemente da "velha" comunicação oral, ela não é matizada pela preocupação com a sensibilidade dos sentimentos do outro que a presença do interlocutor provoca.

As mensagens virtuais, embora circunstanciais, são perenizadas nos arquivos da rede. O sistema de direitos, os valores e a vida cotidiana das sociedades modernas foram construídos em torno da distinção entre o espaço público e o espaço privado. Apesar das fronteiras entre esses espaços nunca terem sido totalmente demarcadas, antes da popularização da internet, quando alguém falava ou escrevia para o "público", havia maior clareza de que se tratava de um plano de comunicação diferenciado, que exigia cuidados distintos quando o discurso era direcionado a uma pessoa específica ou a um grupo particular de conhecidos no âmbito privado. Sabia-se que sua comunicação seria perenizada.

Essa separação foi derrubada. Um e-mail pessoal pode ser retransmitido para uma infinidade de indivíduos e, assim, se transformar em uma comunicação pública. Quando usamos as redes sociais, a ausência de distinção entre público e privado é radical: na mesma página e linha do tempo, podemos ler postagens de temas íntimos e, ao rolarmos a tela, debates sobre a situação política. A separação entre os espaços se tornou mais nebulosa e transformou a comunicação pública: ela pode adquirir os traços da comunicação privada, de modo que algumas cautelas antes tomadas no espaço público são deixadas de lado, e as reações ocorrem de maneira menos refletida.

A comunicação on-line produz, portanto, uma confusão entre o espaço privado e o público: as redes sociais são o local da exposição de si mesmo, no qual compartilhamos nossas informações e opiniões pessoais — como fotos, nome completo, e posts — como parte da nossa formação de identidade. Nesses lugares virtuais nos apresentamos diante de conhecidos e desconhecidos, mas à distância. Por vezes, como mencionamos acima, isso gera confusões entre a rede social como espaço público ou privado. É comum ver pessoas que comentam e assediam umas às outras expondo seu nome, por crer que a distância as protege das consequências de suas falas.

Por exemplo, pessoas que fazem comentários de cunho racista no Facebook podem ser denunciadas à polícia por racismo, mas muitas vezes elas comentam publicamente, expondo suas identidades, sem perceber que isso as deixa vulneráveis a denúncias criminais. Uma mensagem postada sobre uma festa particular, como fotos ou mensagens, por exemplo, indicando que foram usadas drogas ilícitas, fica guardada em bancos de dados, e posteriormente pode ser usada para negar um emprego ou uma vaga numa instituição.

COMO FUNCIONAM AS REDES SOCIAIS?

Muitos dos serviços oferecidos na internet são gratuitos. Redes sociais, serviços de e-mail, programas de edição de imagens, alguns jogos e uma infinidade de outras aplicações não cobram por seu uso. Ainda assim, é comum vermos notícias anunciando que "gigantes da tecnologia" foram vendidas por bilhões de dólares ou que compraram outras por somas fantásticas. Como essas empresas se financiam? Para entender como as redes sociais funcionam, é preciso compreender como elas se sustentam. A resposta está na publicidade. Mais do que isso: muitos serviços gratuitos que usamos diariamente na internet se financiam por meio da venda do que chamamos de publicidade direcionada, que só é possível porque eles guardam nos seus bancos de dados as preferências e gostos, a partir das mensagens postadas.

O desenvolvimento dessas novas tecnologias possibilitou uma sofisticação na publicidade, tornando-a cada vez mais bem direcionada. Devido à possibilidade de coletar e armazenar dados sobre quem navega em um site, ficou muito mais fácil conhecer o perfil do potencial consumidor. Os mecanismos de busca funcionam da mesma forma: quem digita querendo saber sobre um produto ou endereço já está indicando seu tipo de interesse. Assim, conhecer a audiência ajuda muito na tarefa de atingir com o anúncio somente aqueles que podem se interessar por ele. A publicidade e a propaganda política direcionada são vendidas por terem uma eficiência muito maior.

Tudo isso só é possível a partir da coleta maciça de dados dos usuários e da formação de imensos bancos de dados com as mais variadas informações sobre a personalidade dessas pessoas. Em outras palavras, os serviços oferecidos pelas empresas de tecnologia se sustentam com as informações oferecidas pelos usuários. Mediante um complexo modelo de negócio baseado em publicidade direcionada, os dados dos usuários são o principal produto que elas controlam e oferecem comercialmente. Eles conhecem nossos gostos e preferências e a publicidade direcionada trabalha em cima deles.

A luta pela atenção dos usuários passou a ser um foco central das empresas de internet, sejam elas redes sociais, plataformas de busca, comércio virtual ou portais de conteúdo; quanto maior o tempo gasto utilizando os serviços, maior a quantidade de informação coletada e, portanto, mais direcionada poderá ser a publicidade. A gigantesca disponibilidade de informação e entretenimento presentes nas redes

vem fazendo com que plataformas de internet se coloquem rapidamente como as mídias nas quais mais se investe em publicidade.

VALOR FORMATIVO

A privacidade é um direito básico, pois é o fundamento da liberdade, da autonomia e da dignidade humana. A privacidade nos permite desenvolver limites entre o que queremos ou não compartilhar, nos dá o espaço para definir de que maneiras queremos nos relacionar com o mundo ao nosso redor. Relações de coleguismo, amizade, familiaridade, todas possuem diferentes graus de privacidade e compartilhamento, e para equilibrar essas relações é preciso ter conhecimento sobre privacidade, o que temos direito e como queremos manter os outros fora ou convidá-los a entrar. Valorizar e proteger nossa privacidade é importante para desenvolver sentimentos de autocontrole, bem-estar e autonomia.

CONSELHOS

- Conversem sobre questões de privacidade on-line com exemplos concretos da vida off-line: os jovens provavelmente sabem que não devem dizer o endereço de casa para qualquer estranho na rua que perguntar. Tampouco mostrariam as fotos do fim de semana para as outras pessoas na fila da padaria. Na internet, devem tomar um cuidado parecido.
- É comum que o primeiro incômodo de privacidade dos adolescentes seja com familiares ou professores "invadindo" suas vidas privadas. A partir desse sentimento, é possível extrapolar a importância da privacidade para desconhecidos na internet.
- Aconselhe os jovens a seguirem determinadas regras gerais para uso de redes sociais, como:
  . Somente adicionar pessoas que conhecem pessoalmente ou com quem têm amigos que conhecem pessoalmente;
  . Lembre que tudo o que você compartilhar pode ser visto por pessoas que você não quer que vejam – por isso, evite publicar conteúdo que você não gostaria que seus familiares e professores vissem;
  . Antes de postar algo, pense: alguém poderia me prejudicar com base nisso? Qual o pior que poderia acontecer?

. Não compartilhe imagens de outras pessoas sem perguntar para elas antes se tudo bem;

. Todo mundo faz escolhas ruins. Se você se arrepender de ter postado alguma coisa ou se estiver infeliz com alguma coisa sua que postaram, peça ajuda para um adulto de confiança para tentar apagar ou tirar de circulação o conteúdo.

Atividades capítulo 7
A PRIVACIDADE COMO VALOR:

ATIVIDADE I

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Privacidade como valor
Nome da atividade	Minha vida, um espetáculo
Objetivos de aprendizado	Refletir sobre o público e o privado nas redes sociais a partir da superexposição nas mídias.

ETAPA – descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

O professor distribui revistas de celebridades ou indica sites sobre a vida pessoal de pessoas famosas e propõe aos alunos, em pequenos grupos, a análise desse conteúdo. Permita que os estudantes escolham e debatam três ou quatro matérias sobre celebridades expostas em mídias tradicionais, a fim de que escolham apenas uma delas para apontar os problemas da exposição da vida privada nas redes. Proponha a seguinte reflexão:

- Escolha um caso em que, na sua opinião, a celebridade tenha exposto (ou sido exposta em) algum aspecto muito íntimo de sua vida na notícia em questão.
- O que você pensa dessa exposição?
- Expor a intimidade é um direito?
- Uma vez que as celebridades são pessoas públicas, um repórter tem o direito de divulgar sua intimidade?

OBSERVAR / REFLETIR

Após o debate nos grupos e a exposição de alguns deles, pergunte aos grupos: quantas pessoas comuns, do seu círculo de amigos, têm comportamentos semelhantes às celebridades ou ao repórter que divulga a intimidade alheia, nas redes sociais? Depois de pensar sobre os outros, provoque os estudantes a pensar sobre suas próprias atitudes nas redes. Pergunte à turma:

- Nós já divulgamos aspectos da nossa intimidade ou da intimidade dos outros nas redes sociais?
- Com que propósito o fizemos?

CONCLUIR

Pode-se expor imagens de pessoas famosas e suas postagens nas redes sociais, com imagens sensuais, check-in em locais e foto ou vídeos de crianças pequenas, sem poder de decidir sobre sua privacidade, e problematizar esse tipo de exposição, naturalizada nos dias de hoje.

VARIAÇÕES

Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	***"Show de Truman, o show da vida"*** (1998) +12 ***"Gattaca"*** (1997) +14 ***"A vida dos outros"*** (2006) +12 ***"O círculo"*** (2017) +12

ATIVIDADE 2

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Privacidade como valor
Nome da atividade	Diga-me o que postas
Objetivos de aprendizado	Promover uma autoavaliação dos estudantes nas redes sociais, incentivando a reflexão sobre a intencionalidade e marcas que deixam a partir de suas postagens

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Nesta atividade, o professor distribui filipetas para os estudantes com diferentes instruções. Todas elas referem-se a conteúdos que seus colegas já postaram em suas redes sociais pessoais. Veja as instruções a serem distribuídas abaixo. Você pode dar a mesma instrução para mais de um aluno:

- Mostre-me uma foto com alguém de sua família;
- Mostre-me três selfies que você publicou no seu feed;
- Mostre-me um post com um check-in que você fez em algum lugar;
- Mostre-me um post no qual você marcou um amigo;
- Mostre-me uma foto ou vídeo que você publicou sem que a pessoa retratada soubesse;
- Mostre-me uma foto sua fazendo alguma atividade de que gosta;
- Mostre-me uma imagem engraçada que você já postou;
- Mostre-me em sua perfil, a marcação do local onde estuda;
- Mostre-me em seu perfil a marcação de pessoas que você destacou como familiares;

Opção digital: As instruções podem ser passadas, a cada aluno, via e-mail ou WhatsApp, e estes devem acessar aleatoriamente perfis, em redes sociais, de 10 amigos de classe e verificar quantos deles atendem ao desafio, a partir da análise

OBSERVAR / REFLETIR

Os estudantes devem caminhar pela sala de aula e pedir a 10 colegas que mostrem, a partir de seus celulares, conteúdos relacionados com o seu desafio. Os estudantes

anotar quantos dos colegas abordados atenderam ao que o desafio solicitou. Após essa apuração entre estudantes, retome os desafios e anote no quadro quantas pessoas demonstraram os comportamentos sugeridos nas instruções.

CONCLUIR

Ao final da atividade, suscite um breve debate. Pergunte aos estudantes qual ou quais das atitudes listadas para o desafio lhes parece mais problemáticas, no sentido de ser um risco a suas privacidades, e como a superexposição nas redes pode ser mitigada.

VARIAÇÕES

Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	***"You"*** (2019) +16 ***"Boa noite e boa sorte"*** (2005) +14 ***"Sujeito a termos e condições"*** (2013) Livre ***"Ferrugem"*** (2018) +14 ***"Black mirror"*** (2011) +16

8- INFORMAÇÃO E DESINFORMAÇÃO NAS REDES

A informação disponível na internet é enorme, assim como a quantidade de mensagens que recebemos. Neste universo de informação devemos desenvolver a capacidade de distinguir e avaliar a qualidade da informação recebida.

Na realidade, toda informação que recebemos, como analisamos nos capítulos anteriores, deve ser avaliada. No que se refere à informação cotidiana, do que acontece fora de nosso entorno, dependemos dos meios de comunicação, como jornais, revistas, rádio e televisão. Estes veículos de informação às vezes podem errar, favorecer um tipo de informação ou análise em relação a outras. Sempre devemos estar atentos ao que lemos e procurar refletir sobre qualquer informação que recebemos.

Uma das muitas mudanças que a internet trouxe diz respeito, justamente, à erosão dos veículos tradicionais de notícias. Como na época da invenção da prensa de Gutemberg, a internet através de blogs, redes sociais, sites pessoais e fóruns permitiu uma explosão de produção de conteúdo, em uma democratização inédita de produção e recepção de informações. Isso, combinado a uma percepção cada vez maior sobre os diferentes vieses presentes no jornalismo tradicional – ou seja, a compreensão de que não existe uma neutralidade de ponto de vista, mas sim que cada veículo tem uma linha editorial – contribuiu para uma perda de confiança por parte da população na mídia tradicional.

Com a internet, passou a ser possível se informar a partir de fontes alternativas, desde jornalistas independentes até mensagens transmitidas em redes sociais. A informação passou circular de maneira mais livre e imprevisível, essa característica apresenta consequências positivas e negativas para o convívio democrático. Neste universo de informações, facilmente se perde a noção da qualidade da informação recebida, desaparecendo as fronteiras entre as notícias disseminadas por jornalistas e pela imprensa institucionalizada e opiniões pessoais ou de produtores de fake news, que visam a desinformação.
Apesar de suas eventuais limitações, o jornalismo profissional tem uma responsabilidade legal pelas notícias que transmite. Uma notícia

transmitida pelos meios de comunicação tem data e menciona as fontes de informação. Ela é diferente das mensagens, sites e blogs presentes na internet, muitos deles anônimos ou com perfis falsos que enviam as mais diversas mensagens, sem fundamento científico ou sem indicar fontes de informação ou indicando fontes não fidedignas.

Entre as mensagens que circulam na internet que são particularmente prejudicais para a convivência e a construção de uma sociedade democrática estão as chamadas fake news, ou notícias falsas. A característica das notícias falsas é que elas são um esforço sistemático para desinformar/intoxicar a população, que procuram desvincular o cidadão dos veículos profissionais de informação, tanto na sua produção quanto na sua difusão. Por que esse esforço de desinformar/intoxicar a população? Porque as fake news respondem a projetos políticos autoritários, que fomentam o ódio e o preconceito contra os mais diversos grupos (mulheres, homossexuais, negros, indígenas, organizações da sociedade civil, imigrantes). Aqueles que produzem e disseminam fake news não respeitam o pluralismo de opiniões nem propõem o debate de ideias. O objetivo é demonizar os que discordam e levar a uma polarização destrutiva da sociedade. Em uma sociedade polarizada, no qual o opositor passa de ser alguém que pensa diferente para ser considerado um inimigo, as pessoas deixam de pensar e se alinham automaticamente a uma ou outra posição.

As notícias falsas, sob o manto de transmitir informação, na realidade mobilizam sentimentos de ódio e de medo. As informações que elas contêm se dirigem aos nossos preconceitos, paralisando nossa capacidade reflexiva, que nos leva a disseminá-las sem conferir sua veracidade.

Mesmo que a mensagem ofensiva não tenha sido escrita por nós, se a compartilhamos somos responsáveis pelo sofrimento que ela pode causar. O compartilhamento de material nas redes por vezes pode dar uma ilusão de passividade, ou de que não se é responsável pelo conteúdo compartilhado. Mas, depois que divulgamos uma mensagem que maltrata o outro, não é possível voltar atrás.

As notícias falsas são uma forma de propaganda política que procura destruir a convivência democrática. Elas antecedem a internet, mas o mundo virtual é particularmente favorável à sua disseminação.

O acesso a bancos de dados com informações pessoais sobre preferências permite a construção de perfis psicossociais que identificam afinidades, preconceitos e temores; robôs – que têm custo e, portanto, são financiados por pessoas que não se identificam-- enviam mensagens e conseguem ser cada vez mais capazes de interagir com (e como) humanos; e até mesmo sofisticados programas permitem falsificar imagens e falas.

As novas tecnologias permitem o anonimato, e, portanto, a não responsabilização legal dos produtores de mensagens, de forma que o sensacionalismo, a descontextualização, o exagero, a mentira, a deturpação dos fatos, a ofensa, o preconceito e a disseminação de sentimentos de medo, caos e desordem generalizada passaram a ocupar um lugar central na propaganda política, orientada por técnicas de guerra psicológica e capazes de atingir cirurgicamente cada tipo de audiência.

A viralização nos grupos pequenos e privados, por exemplo, é extremamente potente, pois chega a todos os membros do grupo com uma aura de confiança e num espaço no qual o conteúdo que chega vem com muito mais chance de ser lido ou engajado pelos interlocutores. Ela funciona como um processo de "infiltração". Grupos virtuais de amigos, família, hobbies, e afinidades mais variadas — da profissão ao time de futebol —, sofrem esta "infiltração" de notícias externas à razão de existência do grupo.

GUIA DE COMO CONFRONTAR AS NOTÍCIAS FALSAS, PARA ORIENTAR OS JOVENS:

- Desconfie das informações que confirmam sua visão de mundo. Essa é a recomendação mais importante e a mais difícil de seguir. Em geral, desconfiamos e, inclusive, não acreditamos quando recebemos informações que questionam nossas crenças, e aceitamos muito facilmente tudo aquilo que respalda o que pensamos. As informações falsas e manipuladas são produzidas levando em consideração nossos preconceitos;

- Não divulgue uma informação se não tem certeza de que é verdadeira. Temos a tendência de compartilhar imediatamente informações ou imagens que nos agradam. Pense duas vezes antes de fazê-lo. Você poderá estar participando da disseminação de informações falsas. Resista ao *"vou repassar por via das dúvidas, vai que é verdade";*

▪ Saiba que, se a informação é importante, urgente e fundamentada, em poucos minutos estará em vários veículos. Se isso não ocorreu, desconfie. O mercado de notícias tem muitos atores e é muito competitivo. Mesmo havendo orientações editoriais diferentes que interpretam de maneiras distintas o mesmo fato, nenhuma notícia importante deixaria de ser noticiada pela maioria dos veículos;

▪ Lembre que devem constar da notícia pelo menos a data e o autor, além das fontes das informações que veicula. A autenticidade da autoria e das informações veiculadas, isto é, se elas provêm efetivamente das fontes mencionadas, pode ser conferida copiando-se parte do texto da matéria e colando-o em um mecanismo de pesquisa;

▪ Conheça o histórico dos veículos. Essa é uma recomendação muito difícil de ser seguida pelo leitor eventual, mas faz parte da educação para a cidadania ir, aos poucos, acompanhando o mercado de notícias e formando opinião sobre quais veículos praticam um jornalismo mais sério e cuidadoso;

▪ Verifique o nome dos sites. Muitos sites que produzem informação "de combate" e de baixa qualidade jornalística têm nomes parecidos com os de jornais sérios e foram feitos para confundir;

▪ Confira as datas. Muitas vezes informações factuais, mas antigas, voltam a circular sem que as pessoas se deem conta de que dizem respeito a outro momento e outro contexto. Uma informação antiga verdadeira (por exemplo, uma manchete que diga que "o desemprego dispara"), se tomada em outro momento, pode ser completamente falsa;

▪ Confira a relação da manchete com o texto das matérias que você lê na internet. Muitas manchetes "sensacionalistas" atraem a atenção, mas têm pouca ou nenhuma relação com o conteúdo da matéria ou link indicado na mensagem.

Rumores que passam de indivíduo a indivíduo e têm origem indefinida sempre cumpriram um papel na comunicação política. A produção e a disseminação de boatos e rumores para confundir e desinformar remontam a tempos imemoriais aparecendo, inclusive, em antigos textos de estratégia militar.

Nas sociedades democráticas modernas, o jornalismo criou um sistema de produção de informação pública especializada, transmitida por veículos de comunicação (como a imprensa escrita, o rádio e a televisão). Esses meios, embora pudessem ser criticados por responder a agendas de seus proprietários, permitiram o desenvolvimento de profissionais especializados – os jornalistas –, que passaram a responder a uma ética profissional. Tanto jornalistas como proprietários de meios de comunicação podem ser responsabilizados pela informação publicada. A mesma internet que expandiu as possibilidades dos indivíduos de participarem do espaço público também facilitou a profusão de mensagens anônimas, geralmente transmitidas com finalidades invisíveis aos olhos dos receptores. Identidades falsas e pseudônimos geram consequências para o debate público, pois podem ser utilizados para manipular o debate – o anonimato torna ainda mais difícil a responsabilização daqueles que desinformam.

Há muitos que assumem identidades falsas nas redes para disseminar notícias falsas, sendo, na prática, anônimos. Às vezes, inclusive, podem ser "robôs", ou seja, programas automatizados que geram postagens como se fossem pessoas. Esses perfis, anônimos e automatizados, muitas vezes são atores-chave na disseminação de boatos e informações falsas em redes como o WhatsApp, o Facebook, o Twitter, o Instagram e o TikTok. Não é simples distinguir entre pessoas, "fakes" e "bots" se interagimos com desconhecidos on-line. Esse é um desafio das interações digitais, pois no face a face dificilmente interagimos com pessoas sob falsa identidade ou com robôs.

A Internet permitiu, ainda, a disseminação de ideias políticas por meio de redes sociais gratuitas, levando certos agentes políticos a agirem com o objetivo de "viralizar" informações (seja na forma de textos, vídeos, imagens ou memes) mediante a divulgação de ideias que confirmam os preconceitos (viés de atribuição) e preferências de seus interlocutores. Muitos desses, por sua vez, compartilham a informação de imediato, sem conferir sua veracidade, justamente porque o conteúdo lhes agrada (viés de confirmação). Na era digital, a divulgação de notícias falsas depende tanto de seus produtores como da disposição dos usuários para retransmiti-las.

VALOR FORMATIVO

Notícias falsas disseminam medos e crenças sem fundamentos que podem:

- Provocar comportamentos irresponsáveis — por exemplo, uma notícia falsa que alega que fazer gargarejo com água sanitária cura uma doença incentiva pessoas a adotarem comportamentos que colocam sua saúde em risco;

- Destruir a reputação de alguém injustamente — por exemplo, uma notícia falsa que acusa alguém de ter roubado sem nenhuma prova pode levar alguém a ser demitido;

- Gerar medo na população — por exemplo, uma notícia falsa que alegue que um outro país vai atacar pode espalhar pânico generalizado;

- Passar a perna em gente inocente — por exemplo, uma notícia falsa de que alguém precisa de ajuda financeira pedindo doações pode ser um golpe que prejudica pessoas generosas, que depois podem ficar indispostas a ajudar alguém que de fato esteja precisando.

Ou seja, notícias falsas criam e aprofundam divisões sociais, desperdiçam recursos públicos, geram transtornos emocionais, isso tudo sem comprovação ou base na realidade.

Saber discernir o que é uma notícia verdadeira ou falsa o protege a nível pessoal de desenvolver medos, julgamentos ou crenças sem fundamento na verdade, e o equipa a nível social para ajudar a combater e minimizar o efeito danoso das notícias falsas.

CONSELHOS

É comum ensinar aos jovens que, ao presenciar uma injustiça, não devem ficar apenas observando, mas intervir positivamente para corrigi-la. Em geral isso se aplica às situações de bullying na escola, mas o mesmo princípio pode e deve ser aplicado à disseminação de notícias falsas. Professores e familiares podem orientar os jovens a

como lidar com falsidades que veem on-line, mostrando atitudes concretas que podem tomar para combaterem notícias falsas:

- Denunciar a notícia para a plataforma em que foi publicada (por exemplo, no Facebook, usando a opção de "denúncia");

- Mandar uma mensagem direta para a pessoa que postou explicando que se trata de uma notícia falsa e sugerindo que a pessoa remova a postagem ou faça a correção publicamente;

- Escrever nos comentários ou responder a postagem apontando que se trata correção publicamente;apontando que se trata de uma notícia falsa, embasando sua afirmação com links confiáveis que comprovem a falsidade do conteúdo.

- Converse com os jovens sobre as notícias. Os professores são, em geral, referências de fontes confiáveis de conhecimento. Ter o hábito de ler notícias juntos ou de conversar sobre as notícias contribui para que jovens tenham um maior entendimento das informações às quais são expostos.

- ***Dicas gerais de pesquisa na internet para orientar os jovens***

A internet é um recurso ótimo para ampliar os conhecimentos, mas como é um fórum público, qualquer um pode falar qualquer coisa nas redes. Ou seja, quando encontrar alguma informação que pareça relevante, é preciso analisá-la em contexto para garantir que se trata de conteúdo confiável.

I- Tenha clareza do que você está pesquisando;
2- Procure o nome do autor;
3- Confira as referências citadas no texto;
4- Procure a data de publicação, para garantir que não se trata de informação desatualizada;
5- Priorize sua segurança: se o site pedir para que você forneça qualquer tipo de dado pessoal, busque outra fonte de pesquisa.

Atividades capítulo 8
A PRIVACIDADE COMO VALOR:

ATIVIDADE I

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Informação e desinformação nas redes
Nome da atividade	Por que pensamos como pensamos?
Objetivos de aprendizado	Incentivar a reflexão sobre as crenças que estruturam nosso pensamento, propondo sua revisão.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Escolha uma notícia do dia para ser lida no começo da aula e, na sequência, estimule o debate entre os estudantes, perguntando o que eles pensam sobre o fato abordado pela matéria. Você pode tomar nota de palavras-chave das opiniões, de modo que os estudantes possam enxergá-las. Após expressarem suas visões, pergunte à turma:

- O que os leva a pensar que essa notícia é confiável ou não?
- Essa notícia confirma nossas crenças e valores?
- Nossos preconceitos podem ajudar a confiar ou a rejeitar essa notícia?

Opção digital: a coleta de opiniões pode se dar em qualquer plataforma virtual de interação.

OBSERVAR / REFLETIR

Na sequência, oriente a turma a formar grupos diversos, isto é, que contenham estudantes com visões distintas sobre a notícia a fim de debaterem o que as fazem ter esse ponto de vista sobre ela. Para que o debate possa ser proveitoso, sugerimos que reflitam sobre as questões:

- Que pessoas que eu admiro pensam (ou pensariam) da mesma forma que eu?
- Que pessoas que eu admiro pensariam de forma diferente?
- Em que outras referências em baseio a minha opinião? Há alguma doutrina, filosofia, intelectual ou pessoa pública que defenda esse pensamento?
- Como essa doutrina, filosofia, intelectual ou pessoa pública se relaciona com outros pontos de vista? É tolerante e aberto ao diálogo com pessoas que tenham outros pontos de vista?
- O que há de interessante a ser considerado no pensamento dos colegas que pensam diferente de mim sobre a notícia?

CONCLUIR

Por fim, peça aos grupos para apresentarem suas respostas, destacando o último tópico, sobre o que pode ser interessante de considerar no pensamento do outro. Sugira à turma o hábito de buscar informações diferentes, a fim de complexificar (não necessariamente mudar) seus pontos de vista.

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	**Desinformação:** ***"Fake news - Made in Brazil"*** (2018) Livre ***"O Desinformante"*** (2009) +10

ATIVIDADE 2

Autor	Bruno Ferreira
Capítulo	Informação e desinformação nas redes
Nome da atividade	Muito além das fake news
Objetivos de aprendizado	Estimular a leitura cuidadosa e reflexiva de conteúdos midiáticos e o hábito de verificação da informação, a partir de mecanismos básicos de checagem.

ETAPA - descrever

ACESSAR / EXPERIÊNCIA CONCRETA

Pergunte aos alunos o que conhecem sobre *"fake news"*, como definiriam o termo e se conhecem algum exemplo recente. Procure saber ainda o que costumam fazer quando se deparam com um conteúdo do qual desconfiam de sua veracidade. Costumam repassar sem pensar? Procuram outras fontes de informação a respeito? Desmentem o conteúdo se percebem que ele é falso?

Opção digital: A discussão pode acontecer por chat e o material usado pode ser disponibilizado em plataformas como Google Classroom.

OBSERVAR / REFLETIR

Depois desse debate inicial, distribua a grupos de alunos um kit contendo de 6 a 8 notícias, que devem ser investigadas por eles para determinar se são confiáveis. Incentive-os a buscar a informação em diferentes veículos de comunicação, a partir de sites de busca.

Você pode sugerir que exercitem os 4 movimentos:

1- Pause: olhe um pouco para a mensagem

2- Investigue a fonte: o que você sabe sobre quem escreveu e publicou?

3- Busque informações mais completas: onde mais essa informação pode ser encontrada?

4- Conheça o contexto: qual é a história completa?

CONCLUIR

Os grupos de alunos devem apresentar o que concluíram de suas verificações e compartilharem seus aprendizados. Questione-os sobre o que farão quando identificarem

um conteúdo de confiabilidade duvidosa, ressaltando que todos têm responsabilidade pela difusão das informações nas redes.

VARIAÇÕES	
Para faixas etárias diferentes	Essa atividade pode ser utilizada para todas as faixas etárias do Ensino Fundamental 2
Sugestão de filmes para discutir	***"Depois da verdade: desinformação e o custo das fake news"*** (2020) +12 ***"Todos os homens do presidente"*** (1976) +14 ***"Boa noite e boa sorte"*** (2005) +14 ***"Spotlight: segredos revelados"*** (2015) +12 ***"The Post - A Guerra Secreta"*** (2017) 12+ ***"Os Gritos do Silêncio"*** (1984) +16

RECURSOS ON-LINE:

Sobrevivendo nas Redes: *Guia do Cidadão http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Sobrevivendo_nas_redes.pdf*

https://projetocomprova.com.br/

http://fakeounews.org/

https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/

Projeto Meme Canal Futura *https://www.youtube.com/playlist?list=PLNM2T4DNzmq5dBPr0B_Mkz2mZeXh4OLSE*

WWW.CORACOESEMENTES.ORG.BR